

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM ÁREA DE
aprofundamento em educação do campo

ANNE KAROLLINE DE SOUZA BEZERRA

FORMAÇÃO DOCENTE:
UMA DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

JOÃO PESSOA-PB

2015

ANNE KAROLLINE DE SOUZA BEZERRA

**FORMAÇÃO DOCENTE:
UMA DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Pedagogia Licenciatura com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

**Orientadora: Dr.^a Severina
Andréa D. de Farias.**

**JOÃO PESSOA-PB
2015**

B574f Bezerra, Anne Karolline de Souza.

Formação docente: uma discussão sobre a prática pedagógica /
Anne Karolline de Souza Bezerra. – João Pessoa: UFPB, 2015.
63f. ; il.

Orientadora: Severina Andréa Dantas de Farias
Monografia (graduação em Pedagogia – Educação do Campo) –
UFPB/CE

1. Educação do Campo. 2. Formação docente. 3. Ensino
Fundamental. 4. Prática pedagógica. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 376.7 (043.2)

ANNE KAROLLINE DE SOUZA BEZERRA

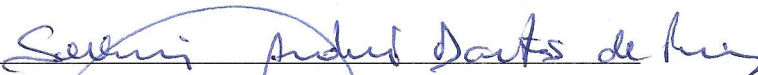
**FORMAÇÃO DOCENTE:
UMA DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Pedagogia Licenciatura com Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba - Campus I como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

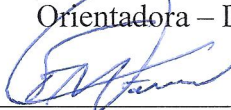
Orientadora: Profa. Dra. Severina Andréa Dantas de Farias

Aprovado em: 09 / 12 / 2015

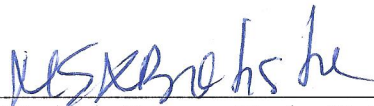
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Severina Andréa Dantas de Farias
Orientadora – DEC/UFPB



Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca
Examinador – DHP/UFPB



Profa. Maria do Socorro Xavier Batista
Examinadora – DEC/UFPB

Dedicatória

“Tudo é do Pai,
Toda honra e toda glória,
É Dele a vitória,
Alcançada em minha vida.”
(Padre Fábio de Melo).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a **Deus**, por ser o meu melhor amigo e ter me ajudado até aqui, por ter me presenteado com essa graduação em Pedagogia e ter me dado forças nos momentos em que eu pensei em desistir, por ter iluminado os caminhos que eu tive que percorrer nessa minha jornada acadêmica, ter me feito vencer e alcançar a vitória.

À **minha família**, por ter sido o meu porto-seguro, me tranquilizando nos meus momentos de angústia, por muitas vezes, enxugando as minhas lágrimas e por sempre vibrarem, com a minha felicidade.

Ao meu namorado, **Thiago Rocha**, por sua total compreensão e apoio para comigo, durante a produção deste trabalho. Sempre me incentivando, me abraçando com palavras, acreditando e confiando com os seus olhos extremamente fechados em cada passo meu.

À minha tão brilhante orientadora, **Severina Andréa**, por sua excepcional orientação, sua total disponibilidade em me ajudar, por seus incontáveis incentivos a mim, sua enorme compreensão e paciência para comigo, em todos os momentos. Por sempre me lembrar que seria capaz, que meu trabalho ficaria ótimo e está aqui, sem ela, eu não conseguiria chegar até o fim, uma das melhores escolhas feitas por mim foi tê-la escolhido como orientadora. Valeu à pena!

Ao meu médico, **Dr. Otávio Lopes**, pois, em todas as vezes que fui à sua clínica, ele me transferiu uma palavra positiva e cheia de paz.

Aos meus **amigos**, amigos, aqueles em que posso contar em meus dedos, os melhores e verdadeiros saberão quem são! Aqueles que caminham ao meu lado me lançam palavras de coragem e lutam diariamente para verem um simples sorriso estampado em meu rosto.

Um muitíssimo e super obrigada a todos vocês que contribuíram de forma significativa e que fazem parte da minha vida.

Muito obrigada.

“Os professores são heróis anônimos, meu amigo. Trabalham muito, ganham pouco. Semeiam sonhos numa sociedade que perdeu a capacidade de sonhar.”

(Augusto Cury, 2005)

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa feita em uma escola pública do município de João Pessoa, Paraíba, durante os meses de outubro a dezembro de 2014. Com o objetivo de analisar as principais características que acompanham um bom profissional em Educação, em especial, em Educação do Campo. Para isso, adotamos como base teórica alguns estudiosos, como: Freire (1997); Gadotti (2003); Alves (2000); Arroyo (2007); Chalita (2004) e documentos oficiais: PCN (BRASIL, 1997). Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho caracteriza-se por ser um estudo exploratório, quanto aos objetivos e do tipo estudo de caso, quanto à aquisição e análise de dados. Para a coleta de dados utilizamos como instrumentos de pesquisa: uma entrevista semiestruturada e um diário de campo. A pesquisa teve um único sujeito – uma professora – que trabalha na instituição participante, com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Elegemos algumas categorias de análise que acreditamos serem essenciais e relevantes para se exercer a profissão de professor: domínio de conteúdo, responsabilidade, assiduidade, compromisso e autoavaliação. Ao fim do estudo constatamos que a professora investigada possui todos os elementos essenciais e relevantes para exercer a profissão de professor, se mostrando sempre aberta ao novo, esforçada, com controle de turma, e respeita o princípio de equidade. Concluímos que para nos tornarmos professores, com um bom desempenho pedagógico, é preciso termos o interesse de investirmos em nossa carreira profissional, respeitando o nosso aluno, agindo com ética, levando a sério o compromisso que a prática pedagógica necessita, assim, só assim, nos tornamos bons profissionais em Educação.

Palavras-chave: Formação Docente. Bom Professor. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work was developed from a survey in a public school in the city of João Pessoa, Paraíba, during the months from October to December 2014. In order to analyze the main features that accompany a good professional in education, especially in Rural Education. For this, we have adopted as a theoretical basis some scholars, such as Freire (1997); Gadotti (2003); Ahmed (2000); Arroyo (2007); Chalita (2004) and official documents: PCN (BRAZIL, 1997). As the methodological procedures, this work is characterized by being an exploratory study on the objectives and the type case study, as the data acquisition and analysis. To collect data we use as research tools: A semistructured interview and a field diary. The survey had a single subject - a teacher - who works at the participating institution, with a group of 1st year of elementary school. Elected some categories of analysis that we believe are essential and relevant to exercise the teaching profession: content domain, responsibility, diligence, commitment and self-assessment. At the end of the study we found that the investigated teacher has all the essences and relevant for exercising the teaching profession, showing always open to new, struggling with gang control, and respects the principle of equity. We conclude that to become teachers with good teaching performance, we need to have the interest to invest in our professional career, respecting our student acting ethically, taking seriously the commitment that the pedagogical practice needs, so, just so, we become good professionals in Education.

Keywords: Teacher Training. Good teacher. Elementary School.

LISTA DE SIGLAS

CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade.
ENERA	Encontro Nacional da Educação na Reforma Agrária.
PCN	Parâmetro Curricular Nacional.
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.
UFPB	Universidade Federal da Paraíba.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	Os dados da Escola campo de pesquisa.....	41
Quadro 02:	Número de professores, alunos e funcionários da E. M. E. F. Antônio Santos Coelho Neto.....	42
Quadro 03:	Dados do sujeito pesquisado na E. M. E. F. Antônio Santos Coelho Neto.....	42

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	13
1.1 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ESCOLAR	13
2 INTRODUÇÃO.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
3.1 A EDUCAÇÃO PARA TODOS(A)	20
3.2 EDUCAÇÃO DO/PARA O CAMPO.....	22
3.3 A FORMAÇÃO DOCENTE: DISCUTINDO A PRÁTICA INICIAL DO PROFESSOR.....	27
3.4 CARACTERÍSTICAS QUE ACOMPANHAM UM BOM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO	32
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	39
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	41
5.1 BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR – CAMPO DE PESQUISA	41
5.2 RESULTADO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A EDUCADORA DO 1º ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE I.....	59
ANEXOS	63

1 MEMORIAL

Apresentaremos, nesta seção, a formação acadêmica e profissional do pesquisador, bem como toda a sua perspectiva histórico-cultural decorrente da busca de uma construção profissional do futuro professor de Pedagogia.

1.1 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ESCOLAR

A minha jornada acadêmica, de início, ocorreu quando eu era bem pequenininha. Comecei a estudar em uma Escola Cristã, situada no município de João Pessoa-PB. Passei um bom tempo nessa Escola, onde funcionava Escola e Igreja, em um mesmo espaço físico. Depois de certo tempo, a Escola acabou e ficou apenas, a Igreja e foi praticamente nesse ambiente de paz, onde eu cresci.

Passei por outras escolas, ainda pequena, mas as escolas que marcaram minha jornada acadêmica foram: a Escola Cenecista João Régis Amorim, pertencente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), e o Lyceu Paraibano, ambas as instituições de ensino bem conceituadas no município de João Pessoa, Paraíba.

A CNEC é uma instituição da rede particular, que oferece todos os níveis de escolaridade do Ensino Básico. Entrei na antiga terceira série (hoje, 4º Ano do Ensino Fundamental) e cursei, nesta instituição, até o 1º (primeiro) Ano, do Ensino Médio. Sete anos, como aluna desta escola, sete bons anos que foram essenciais na minha vida e que formaram a minha base para chegar onde estou hoje.

Nesta instituição, tive a oportunidade de conhecer e aprender com grandes mestres, profissionais brilhantes e exemplares, comprometidos verdadeiramente com a Educação. Mas, sabe aquele professor que marca e que se destaca entre todos os outros, tive a grande sorte de ter conhecido um desse, a professora Socorro Caju.

No 4º Ano, do Ensino Fundamental, conheci a professora Socorro Caju. Ela foi a minha primeira professora na CNEC, que ensinava todas as disciplinas. Desde as suas primeiras aulas, me encantei por ela. Doce, paciente, dedicada e apaixonada por seus alunos, foi assim que me conquistou.

Alguns anos depois, tive sorte de tê-la como professora de Redação, a qual me ensinou a construir textos e o melhor de tudo, me ensinou a amá-los. Escrever e ler se

tornaram paixões para mim. Se hoje tenho um caso de amor com as palavras e livros, posso dizer que essa minha professora foi uma espécie de “cupido”, para essa realidade acontecer.

Quando terminei o primeiro ano do Ensino Médio, eu quis sair da CNEC. Lembro-me que dizia que “tinha enjoado”. Eu queria ter outra experiência, em outra escola e conversei com os meus pais a respeito dessa decisão. O meu pai perguntava se eu teria interesse de estudar no Lyceu Paraibano, porque ele conseguiria uma vaga para mim e foi aí, que me vieram dúvidas em sair de uma instituição privada e ir para uma instituição da rede pública.

Digamos que fiquei receosa, pensando: “Será que eu vou gostar do ensino e dos professores?”; “Será que vou fazer novas amizades?”; Perguntas essas, que qualquer um poderia fazer, mesmo sendo o Lyceu Paraibano, uma instituição pública muito antiga e conceituada. O Lyceu está localizado na cidade de João Pessoa. É uma grande Escola por onde passaram admiráveis alunos, como Celso Furtado, Lauro Pires Xavier e Augusto dos Anjos.

Conhecia alguns amigos que estudavam lá, eles me diziam que gostavam e era bom, acreditei neles e fui. Cheguei a pensar que estudaria na sala de algum deles, mas, quando cheguei lá, meu nome estava em uma lista diferente do nome deles e naquela ansiedade de primeiro dia de aula, você entrar em uma Escola estranha, com pessoas estranhas, em uma sala, onde todo mundo já se conhecia e tinha os seus grupinhos, não foi tão fácil, eu era bem mais tímida que hoje em dia.

Mas, não tinha para “onde correr”, escolhi e tinha que enfrentar, adentrei à sala e com o tempo comecei a conversar com algumas meninas, fiz amizades maravilhosas, dentro daquela Escola, amizades que cultivo até hoje e o meu conceito sobre Escola Pública mudou, quando passei a fazer parte dela.

Sim, existem muitas diferenças, não vou ser hipócrita, mas posso dizer que, quem faz a diferença maior não é a instituição em si, mas os profissionais que fazem parte dela. Os meus professores eram maravilhosos, não posso falar de um que foi ruim ali no Lyceu Paraibano, eram professores incentivadores, que apoiavam, professores que além desse “título”, também carregavam o título de amigos.

Fazia gosto levantar cedinho, pegar um ônibus, que por sinal era lotado, para ir para o Lyceu Paraibano, me orgulho em dizer que passei por lá, uma Escola que sempre foi bem conceituada e formou grandes profissionais, doutores de nomes. Me alegra saber que eu conclui os estudos em uma Escola daquela, foram dois ótimos anos. Se pudesse voltava o filme e viveria tudo de novo, aperreios para apresentar os seminários, provas difíceis de cálculos, atividades extraclasse, resumos, fichamentos, ali ou aprendia de verdade ou

reprovava. E por isso, foi uma experiência que marcou a minha jornada, saí pronta para entrar em uma universidade.

Terminei e fui procurar um cursinho para me dar auxílio, no sentido de obter mais conhecimento no enfrentamento à prova do vestibular. Fiz vestibular e o curso que eu escolhi, foi Nutrição. A tão sonhada Nutrição, que “por pouco”, não consegui atingir a média, fiquei triste, quem não ficaria? Mas, esse não foi um fator que me fez parar, muito menos desistir, foi algo que me fez recuar não para voltar, mas, pegar impulso e ir com mais força à frente.

Tinha oportunidade de tentar outro curso, com a pontuação que havia conseguido, lembro bem das opções existentes na listinha, o que mais me identifiquei e escolhi para tentar tinha o nome de – Pedagogia com Aprofundamento em Educação do Campo. Eu não tinha mesmo o que perder... Sei que nessa história, saíam listas e mais listas e nunca aparecia o meu nome, continuei no cursinho, eu tinha em mente que seria preciso me preparar melhor.

Certo dia, quando cheguei do cursinho... Lembro que almocei e fui descansar um pouquinho, durante a tarde. De tardezinha, o telefone da minha casa tocou, me acordou, mas, não me levantei para atender, minha mãe fez isso primeiro, só fiquei ouvindo e ela falou: “É minha filha, Glória a Deus”. Me levantei e fui próximo a ela. Ela desligou e veio me falar que a mulher havia ligado para dizer que eu havia sido aprovada para Pedagogia, na tão desejada Universidade Federal da Paraíba, eu não sabia se ria ou se chorava, era uma felicidade tamanha.

Não passei para a minha primeira opção de curso, mas tinha conseguido a segunda e sempre tive em mente, e bem guardado em meu coração, que Deus sabe o que faz, porque os planos Dele são maiores e melhores que os nossos. Ele conhece os desejos dos nossos corações, mas realiza de acordo com a Sua boa, perfeita e agradável vontade. Deus nem sempre nos dá o que queremos, mas Ele sempre nos dá o que verdadeiramente precisamos.

E foi assim que minha graduação, em Pedagogia começou. Na verdade, sinto que ela é quem me escolheu. Foi um presente de Deus! Já diziam os meus amigos que eu tinha cara de professorinha, que essa profissão tem tudo a ver comigo, que sou apaixonada por crianças, gosto de ensinar, tenho excesso de paciência. Posso dizer que me encontrei nesse curso.

Se me perguntarem se eu esqueci Nutrição, hoje direi que não, que está nos meus planos cursar ainda, mas, senão estiver nos planos de Deus para mim, eu também nem faço questão! Quero que os meus sonhos sejam os Dele para a minha vida. Os sonhos do Senhor são perfeitos. Entrei na UFPB no ano de 2010, escrevendo isso no ano de 2015, vejo como essa trajetória passou rápido.

Momentos alegres, estressantes, angustiantes, de euforia, com sorrisos e lágrimas fazem parte dessa caminhada. Mas, todos válidos para o meu crescimento profissional e pessoal. Na universidade passei por muitos professores, se em cada período tive 5 (cinco) Disciplinas e estou no 9º período, posso dizer que por mim passaram mais de 20 (vinte) mestres da Educação. Aprendi muito com eles, cada um com sua maneira de ensinar, uns mais tradicionais outros mais construtivistas, mas, o que importa é que todos conseguiram me transmitir conhecimentos e me ensinar algo.

No meio deles, teve uma que brilhou de maneira especial, uma professora mais que comprometida, exige com direito porque sabe ensinar, a sua forma de ensinar tão peculiar e apaixonante. A professora, mais a disciplina me fizeram mudar conceitos sobre a “tal da Matemática”, tenho que confessar: até desse nome eu tinha certo receio. Sempre gostei de matérias que precisassem de leitura, interpretação de textos, escrita, nunca fui fã de cálculos, especificamente, da Matemática.

Mas, aquela professora chegou e particularmente, me apresentou uma Matemática diferente de todas as outras que me foram passadas, creio que se tivesse sido aluna dessa professora, nas séries iniciais teria crescido amiga da Matemática, mas enfim, tive sorte de tê-la como professora de Estágio Supervisionado de Matemática da UFPB.

Quero tê-la como um espelho, se eu conseguir ser metade do que ela é, tenho certeza: serei uma ótima profissional. Digo que até hoje duas professoras me inspiraram e continuam me inspirando, no dia a dia, que foram a de Redação da CNEC e a de Estágio, da UFPB. Depois de anos, de certa forma, a professora da CNEC continua me acompanhando e me ajudando. E a da UFPB passou a ser minha Orientadora, tão Querida Orientadora. Está sempre me acompanha, me incentiva, e com as orientações dela, creio que fiz um ótimo trabalho.

2 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta alguns fatores relacionados à profissão docente, mais especificamente tenta responder a seguinte questão: “Como nos tornamos professores?”, ao “Ser docente – como se constitui um bom professor?”; levando em conta, um olhar voltado para a prática em sala de aula, ao valor da formação continuada e características necessárias a que acompanham o bom professor, tendo também, de modo breve, um ponto de discussão sobre este profissional no contexto da escola do campo.

O presente trabalho foi considerado por nós como tema relevante, pois, nos leva a refletir sobre a jornada do profissional da educação, bem como os difíceis caminhos percorridos por este profissional. Traz-nos algumas perguntas como: “Quais aspectos contribuem para um professor ter sucesso em sua carreira?”; “Como um professor consegue, em uma sala de 30 ou mais alunos, fazer com que todos aprendam e, ao final, estejam no mesmo nível de aprendizagem?”; “Qual a metodologia que um mestre da educação usa para atingir os objetivos?”; enfim, “Como se constitui um bom professor?”

De acordo com Arroyo (2000), o professor pode ser assim percebido:

[...] diante da figura do(a) professor(a) sinto-me como se estivesse diante de um velho e apagado retrato de família. Com o tempo perderam-se as cores e apagaram-se detalhes e traços. A imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse. Mais um retrato a guardar na gaveta de nossos sonhos perdidos, para revê-lo em tempos de saudade. (ARROYO, 2000, p. 13)

Tal percepção retrata também o pensamento de muitos dos que estão a observar um perfil docente, que está ainda desconectado da realidade, avançando pouco, diante das mudanças constantes da sociedade e de suas necessidades. Muitas vezes, nos deparamos com um professor parado, se questionando sobre como acompanhar os avanços do cenário atual.

Como preencher os requisitos para uma prática adequada à realidade e realmente não ficar no passado, sem a vivacidade, sem interesse, desvinculado de uma prática pedagógica apropriada. A luta que acontece dentro do processo histórico da Educação é bem mais complexa do que podemos imaginar.

Acreditamos que existem aqueles que, desde muito cedo, despertam na intenção de tornarem-se educadores e são formados no intuito de executar essa nobre função de educar com maestria, porque percebem aí um encantamento, e passam a acreditar, lutar e ao

tornarem-se mestres, fazem a diferença todos os dias, na esperança de um futuro melhor e igualitário através de uma boa Educação.

Sendo assim, este estudo foi baseado na pesquisa exploratória, quanto aos objetivos, e do tipo estudo de caso, quanto à aquisição e análise de dados. Usamos como principais instrumentos para aquisição de dados uma entrevista semiestruturada e um diário de campo. O sujeito do estudo caracteriza-se por ser uma professora, de uma escola pública, com muitos anos de experiência e que se destaca por sua atuação no ambiente escolar.

Conforme os pontos apresentados acima, a problemática de investigação desta pesquisa pode ser resumida em uma pergunta: “*O que precisamos para nos tornarmos bons professores, diante do cenário da Educação atual de nosso país?*” A problemática apresentada nos faz pensar e repensar de fato, o que precisamos para trabalharmos com a Educação atual.

Dentro da perspectiva de conhecermos mais sobre a profissão docente, este trabalho tem como objetivo geral: *Analisar as principais características que acompanham um bom profissional em Educação, em especial, em Educação do Campo.*

Para chegarmos a esse objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos: (a) Identificar o perfil dos participantes do estudo; (b) Identificar um profissional de educação que represente os demais educadores na instituição participante, para que sirva de referência para pesquisa; (c) Verificar como é a rotina de uma escola do campo, diante da realidade escolar; (d) Averiguar quais as principais estratégias utilizadas pelo profissional em sua atuação docente e por fim, (e) Comparar as práticas pedagógicas utilizadas pelo profissional investigado, com a parte teórica e outros estudos desenvolvidos.

O trabalho se apresenta com base em pesquisas dos principais estudiosos adotados, como: Freire (1997); Gadotti (2003); Alves (2000); Arroyo (2007); Chalita (2004), dentre outros autores e em alguns documentos oficiais, como PCN (BRASIL, 1997). Logo, o estudo está estruturado da seguinte maneira: A primeira etapa é formada pela parte pré-textual, apresentada no início deste texto (capa, sumário, resumo, dentre outros). Em seguida, apresentamos a segunda etapa, constituída pelo Capítulo 1 - Memorial acadêmico do pesquisador.

Seguimos para o Capítulo 2 - Introdução, onde foi apresentada a justificativa do trabalho, a importância da temática, a problemática da pesquisa, seus objetivos, e posteriormente, as demais partes que estruturam o texto.

A terceira etapa é formada pelo Referencial Teórico, onde foi apresentado e discutido o aporte teórico com relação à formação docente, à prática pedagógica, características que

acompanham um bom profissional da educação e breve tópico trazendo partes a discussão sobre educação do campo. E na quarta etapa apresentamos a Metodologia da Pesquisa, sua tipologia, o campo de pesquisa, a aquisição de dados, o sujeito pesquisado e os principais instrumentos de pesquisa.

A quarta etapa se dá através da Metodologia da Pesquisa onde é feita uma rigorosa e detalhada descrição do objeto pesquisado, também onde são apresentadas as técnicas que foram utilizadas nas atividades propostas na pesquisa.

Na quinta seção é revelada a Análise dos Dados da referida instituição escolar pesquisada e discutidas as suas características. Os dados foram apresentados e confrontados com o que pensam alguns estudiosos. Posteriormente, temos as Considerações Finais, com propostas para estudo futuro.

Diante da importância do tema em estudo, convidamos o leitor a participar com sua apreciação da nossa pesquisa, atentando para as concepções adotadas no texto e outras abordagens que tornam este trabalho um instrumento rico de reflexão sobre Educação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta inicialmente a Educação e a Educação do Campo, com o olhar dos principais teóricos que discutem a temática. Seguimos com a discussão apresentando um diálogo entre a Educação do Campo e a Formação Docente, onde ampliamos a temática trazendo discussões que possibilitem uma compreensão sobre o tema em questão. Finalizamos o capítulo, revelando algumas características que acompanham um bom professor, comprometido com a realidade de nosso país.

3.1 A EDUCAÇÃO PARA TODOS(A)

Quando falamos em Educação, diretamente nos remetemos à figura da escola. Este ambiente que não é apenas físico é o que melhor representa a Educação, de forma geral, diante da sociedade. E o professor está diretamente ligado a esta representação social. Com ela chegam às referências a lembranças do passado em relação aos educadores que tivemos, marcantes em nossas vidas, e nos deparamos com lamentações no que diz respeito a problemas enfrentados atualmente na educação.

Mas, lamentar não resolve as grandes dificuldades por que passa a categoria docente, contudo, fragiliza ainda mais esta classe que tenta se erguer, em uma sociedade que não a reconhece pela sua importância. Certamente, não é somente questão de aprimoramento, o que falta em nossa sociedade para o reconhecimento e valorização da classe docente. Sabemos que muito de sua constituição enquanto profissional, depende entre outros aspectos, dele tornar-se um professor-pesquisador, pois, segundo Fiorentini e Rocha (2003):

A formação do futuro professor não se reduz apenas ao período da formação inicial. A constituição profissional docente, longe de ser uma trajetória linear ou limitada a um intervalo de tempo, é um processo contínuo e sempre inconcluso, permeado por dimensões subjetivas e socioculturais que influenciam o modo de vir a ser de cada professor. (FIORENTINI, ROCHA, 2003, p. 2)

Através do relato de uma professora recém-formada, apresentada e discutida no texto de Fiorentini e Rocha (2003) podemos perceber como é complexa a formação de um professor na atualidade. A professora afirmou que a Universidade ainda é muito distante de seu público e do ambiente escolar e acredita que: “[...] nenhum curso de graduação consiga

ensinar alguém a ser professor. Apenas o mune com ferramentas de ensino, mas como usar tais ferramentas, é com o dia-a-dia” (FIORENTINI, ROCHA, 2003, p. 1).

Os anseios e angústias fazem parte de toda formação profissional de professores, seja esta de qualquer área de ensino, durante sua constituição profissional. Como a sociedade evoluiu bastante nas últimas décadas, as nossas crianças e jovens também acompanharam esta evolução, modificando-se. Infelizmente, muitos adultos, na atuação de sua profissão, ainda usam antigas práticas que não respondem mais aos anseios e busca social dos mais jovens.

Desse modo, precisamos refletir sobre nossas ações, enquanto profissionais da educação e entender que mesmo diante de barreiras não podemos ceder. Devemos ser persistentes, pacientes em ensinar, em construir o conhecimento lado a lado com o aluno.

Entre outras qualidades, o mestre que precisamos é aquele que contribui na aprendizagem dos seus alunos, não desvenda respostas, mas discute com seu aluno e o incentiva a encontrar as devidas repostas, o ajudando de maneira significativa, na construção da sua autonomia, como estudante e nessa interação para o ensino-aprendizagem, ele contribui com o desenvolvimento do aluno e ao mesmo tempo se constrói e reconstrói.

Na construção da aprendizagem também ocorre o crescimento docente, quer seja como profissional, quer seja como pessoa, pois, muitos esquecem que, por trás do professor existe um ser humano que se angustia, se indigna, também se sente frágil, se sobrecarrega. E muitas vezes, são colocadas sobre as suas costas funções que vão além do universo escolar, como é o caso de atribuições exclusivas da família, que recaem sobre este profissional.

E isso vai gerando um desgaste no professor e pode implicar diretamente na qualidade do seu trabalho em sala de aula. Ele se prepara, planeja sua aula, chega para colocar em prática os conhecimentos adquiridos e por vezes, devido a situações que aparecem em seu caminho, não consegue dar a aula da forma almejada.

Um dos pontos que dificultam a ação pedagógica adequada do professor é durante sua preparação acadêmica. A academia ao priorizar a formação teórica do profissional, às vezes, esquece-se de interligá-la à prática profissional. Quando o estudante conclui seu curso de graduação, descobre da pior forma que não sabe muito de sua profissão e que terá que percorrer o caminho docente, sozinho. Na maioria dos casos, ocorre certa frustração neste momento, quando é detectado que em determinados casos, a prática não condiz com a teoria adquirida na universidade ou ainda, quando são deixadas lacunas nessa formação, pois, a prática envolve questões que vão além da sala de aula.

Muito se fala nos pontos negativos da profissão docente, ao passo que se esquecem de exaltar os pontos positivos presentes na atuação, na prática, contudo, um significativo

número de sujeitos venceu e teve, em algum ponto da vida, um apoio, uma orientação dada, no momento certo, por um professor. Este é um fato que não se pode negar.

Discutir o conhecimento com os estudantes, participar da sua formação e colaborar com a formação de futuros profissionais e cidadãos, conhecedores de seus direitos e deveres sociais, são méritos do profissional da educação. Deste modo, para que haja uma mudança significativa na educação para todos(as), a sociedade, juntamente com suas representações, devem estar focadas e comprometidas em uma só causa. E quando pensamos em educação do Campo, as dificuldades são ainda maiores. A luta por uma Educação do Campo satisfatória, digna de qualidade também faz parte de um cenário que deve ser de mudanças.

3.2 EDUCAÇÃO DO/PARA O CAMPO

Quando tratamos da discussão da Educação do e para o campo, o cenário nacional de nosso país ainda nos deixa muito mais preocupados. Nos últimos anos tivemos várias mudanças ocorridas, em seu ensino, mas, muito ainda precisa ser realizado para termos uma educação do campo digna, que respeite o princípio de equidade do nosso povo. A partir de uma categoria organizada poderemos ter as mudanças que desejamos, ao ser revigorado pelo professor comprometido verdadeiramente, com a educação. Um dos passos é o aprimoramento desse profissional e o investimento na sua própria carreira.

Entendemos que a educação foi pensada pela classe dominante. A educação rural sempre foi imposta e autoritária, sem a participação dos indivíduos mais interessados de maneira que estes pudessem ser sujeitos participantes das decisões e de sua construção. Falamos daqueles envolvidos, os realmente mais interessados.

A esse respeito, nos alertam Fernandes e Molina (2004, p. 61), quando esclarecem que:

Historicamente, o conceito de educação rural esteve associado a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos (...) os tímidos programas que ocorreram no Brasil para a educação rural foram pensados e elaborados sem seus sujeitos, sem sua participação, mas prontos para eles.

E isso gera, entre outros aspectos negativos, o descaso que acarreta dificuldades, as mais variadas, que estão relacionadas à falta de elementos básicos para seu funcionamento. Ela vai de recursos humanos, físicos e materiais, o mais básico possível, como material

escolar para o uso durante o ano letivo que chega às mãos dos professores, em sua maioria, com fórmulas prontas, mas, em certos casos não são condizentes com a realidade do campo.

Por sua vez, os professores não têm a preparação adequada para a condução do ensino pragmático, exigido de acordo com o material recebido, por estar incompatível com a sua própria realidade profissional, material que, na maioria das vezes, é igual aos distribuídos nas escolas urbanas, batendo de frente com uma realidade totalmente divergente, por conta do desinteresse pelas minorias, como é uma característica comum no Brasil, que erra, pelo seu pouco interesse ou mesmo descaso com a educação.

Mesmo diante dessa problemática em relação a alguns programas direcionados ao campo, que ainda é um contexto fragilizado, temos os que deram certo, como é o caso do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, que possui a sua singular importância, pois, é um Programa que veio para somar, forças, junto à população da Zona Rural.

Segundo Fernandes e Molina (2004, p. 64):

A ideia de Educação do Campo nasceu em 1997 durante o Encontro Nacional da Educação na Reforma Agrária, o Eneara, como uma proposta de educar o camponês para que tenha melhores condições de vida e de trabalho, na perspectiva de mantê-lo no campo com dignidade, o que deu início a uma nova forma de pensar e fazer Educação no Campo. Foi através desta nova concepção de sociedade e de mundo que surgiu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, O PRONERA, no ano subsequente. O PRONERA surge com a finalidade de formar pessoas que moram em assentamentos rurais para desenvolverem a profissão de professores em suas localidades, além de formar para outras profissões.

A região rural, que na compreensão urbana é entendida como um setor atrasado, na verdade não corresponde a tal impressão. Entendemos que cada uma possui as suas especificidades e são espaços de grande importância, assim, não podemos desmerecer um, nem tão pouco, o outro.

O campo, por muito tempo, sofreu com o preconceito, seja no âmbito da saúde, da educação e até em particulares representações, como é o caso da linguagem, entre outros aspectos. E o que reforça tudo isso é que muitos dos que residem no campo preferem a cidade. Nesse sentido, a História traz muitas páginas que fazem referência ao abandono da terra, como também não deixa de retratar as “guerras” por terra, quando o homem percebe seu valor.

De acordo com Araújo e Silva (2011, p. 44-45):

A principal diferença entre urbano e rural pode ser compreendido a partir da relação produção e uso do solo. O espaço urbano possui seu solo ocupado por imóveis destinados a produção de riquezas nos setores econômicos secundário e terciário, ou seja, indústria, comércio e prestação de serviços, enquanto que o espaço rural se caracteriza por compreender um ambiente destinado ao setor primário da economia, ou seja, agropecuária, extrativismo vegetal e animal, mineração. Estes usos diferenciados geram relações de trabalho específicas, o que implica em espaços e práticas sociais peculiares.

Portanto, as várias particularidades, sua vertente histórica, seu valor, os diversos sujeitos envolvidos com a importância que lhes cabem e o olhar voltado aos seus interesses, cada qual em busca de sanar as dificuldades e fazer valer o seu direito à vida, com dignidade, para reforçar essa conquista surge a Educação que, se existe na cidade, também precisa existir no campo, aquela que caracterizar-se pelas comunidades do meio rural, que lutam de forma organizada, juntas, através de movimentos sociais, em buscas de melhorias para toda a comunidade.

Sendo assim, de acordo com o Programa Nacional para Alfabetização na Idade Certa - PNAIC (BRASIL, 2014, p. 7):

Podemos afirmar que a luta dos trabalhadores do campo esteve presente em nosso país desde a colonização, ainda que com configurações e motivações distintas. Nesse sentido, compreendemos que a Educação do Campo é herdeira dessas configurações e motivações, mas que, no entanto, o que sua configuração expressa na atualidade é fruto direto da luta pela terra realizada pelos movimentos sociais do campo no fim dos anos 1980.

Mesmo com tanto tempo de história, a luta pela terra não se desvincula da luta por outros direitos, porque aí estão embutidas tantas necessidades, como a marcante busca por uma educação que realmente venha atender necessidades do sujeito que vive no campo e sabemos que mesmo com algumas conquistas, atualmente, a Educação do Campo continua apresentando uma série de dificuldades. Observamos que os setores políticos não dão um apoio necessário a esse grupo, causando revolta.

Alguns pontos causadores de revolta se apresentam porque existem políticas voltadas ao campo que realmente não atingem a demanda do campo porque não chegam até o chão da escola, mas, antes encontram outro caminho. Essa prática ganhou muito espaço em nossa realidade, prática que se diga criminosa, porque satisfaz interesses escusos de gestores despreparados, autoritários e mal intencionados.

Segundo Molina (2009, p. 4-5): “No campo, a situação educacional requer uma atenção especial das políticas, pois ainda é gritante a precariedade das escolas, a falta de

qualidade da educação, os problemas de evasão, baixa escolaridade, analfabetismo, entre outros”. Nas palavras da autora percebemos que uma das maiores dificuldades do sistema educacional, quando se trata do Ensino Básico do campo, é a falta de estrutura escolar.

Isto, na maioria das vezes, provocado por uma má gestão dos governantes estaduais e municipais, gera uma série de fatores: Espaço físico sem nenhuma condição funcional, falta de cadeira, banheiros, cozinha, merendeira, falta de profissionais motivados e preparados nas suas devidas funções.

Outro fator agravante que contribui para que ocorra a evasão escolar, por exemplo, é a falta de transporte escolar. Ela faz com que o aluno perca o estímulo de ir para escola, lembrando que esses são apenas uns dos tantos fatores que interferem na Educação no Campo. Sobre essas questões causadoras de impedimentos para que a Educação do Campo, de fato atenda às necessidades dos sujeitos do campo, Brito (2011, p. 244), nos alerta que:

A Educação do Campo nasce comprometida com a transformação das condições de vida do povo brasileiro que vive no campo e que, portanto, para atender as necessidades educacionais dessa população os projetos devem considerar os sujeitos do campo como protagonistas do seu próprio projeto de educação, se pautar na relação entre teoria e prática, tendo a práxis como princípio teórico – metodológico e que a realidade dos povos do campo, seus saberes da experiência sejam vinculados aos conteúdos curriculares.

Desse modo, se essa práxis está relacionada à vida do aluno será necessário que as práticas educacionais estejam realmente voltadas à realidade do mesmo e que o professor leve em conta os saberes dos alunos e ainda mais considere a história de vida de cada um, nesse universo que não pode mais ser preestabelecido, mas, venha atender aos próprios anseios da natureza dos mesmos em sua realidade, com seus elementos priorizando a cultura e as particularidades do local.

A aspiração é no sentido de que as ações voltadas para a Educação do Campo sejam, de modo geral, ligadas a esse campo e aos sujeitos que dela são partes integrantes, que possa haver o diálogo, pois, este “é a fonte geradora de reflexão, e o encontro com o outro é a primeira condição da instauração do diálogo em sala de aula [...]” (CARVALHO, 2005, p. 69).

Sem o diálogo, não há respeito. É importante que os conteúdos curriculares a serem trabalhados sejam a realidade desse povo do campo, que a teoria e a prática possam caminhar sempre juntas, exaltando os pontos positivos e as possibilidades que o campo possui, o diálogo deve haver em vários aspectos.

A escola do campo está inserida, ao longo da sua história, em uma conjuntura política que infelizmente ainda demanda grande atraso para a formação e desenvolvimento de muitos camponeses e essa tem sido uma problemática bastante significativa, que sem dúvida alguma precisa ser superada, para que possamos de fato, vivenciar um processo de Educação do Campo, de modo a contemplar efetivamente as necessidades dos povos camponeses.

Uma superação que venha possibilitar mudança local, através de uma formação educacional que tenha como ponto de partida deste processo a realidade desse povo e assim, ele possa sentir-se pertencente ao processo educativo e venha contemplar não só os aspectos acadêmicos, mas os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, o cognitivo e o lado afetivo, que envolva a todos os sujeitos.

De acordo com Hage (2011, p. 317):

Falar em educação básica do campo nos remete atualmente a duas perspectivas que se apresentam como configuradoras da realidade da educação no meio rural, refiro-me em um aspecto ao protagonismo que as populações do campo, através de seus movimentos e organizações têm efetivado no sentido de pautar o poder público para inserir em sua agenda o atendimento educacional no território do campo, articulado a definição de um conjunto de referências legais que possam orientar a ação educativa nesse território. Em outro aspecto, é preciso considerar a precarização que envolve as escolas do campo, evidenciando o déficit de atendimento em quase todos os níveis e modalidades de ensino e o pouco aproveitamento nos estudos resultantes das condições adversas em que o ensino tem sido ofertado às populações do campo ao longo da história de nosso país.

No que diz respeito a esse entendimento, no meio rural, a política do ensino é dependente da organização política partidária, que na maioria das vezes, deixa a desejar, quando o assunto é a formação básica e o investimento de recursos no setor educacional. Relegado ao segundo plano, dando continuidade a uma política sem inovação que, dependendo da região, dificilmente sairá do atraso.

Na prática, é muito comum, talvez por acomodação do mal profissional, o aluno desconhece os seus direitos e deveres, como construtor do aprender. Por não conhecer os direitos e deveres no que diz respeito ao processo de construção do seu próprio conhecimento, e algumas vezes, por não saber qual é a sua real função na escola, ele acaba tornando-se passivo, descomprometido, apenas, condicionado a repetições, daquilo que o professor administra.

Isso vai de sentido contrário a uma educação necessária, “radicalmente emancipatória, que enfrente o discurso neoliberal de cunho empresarial para que, um dia,

retóricas conservadoras sejam apenas uma lembrança deplorável da barbárie que significa negar à maioria os seus direitos” (GENTILI, 1995, p. 177). Muitas vezes, o aluno tem um conhecimento nato, mas, por falta de incentivo, comunicação e debates sobre vários aspectos do desenvolvimento humano o seu nato saber se atrofia e perde-se no tempo.

Silva (2011, p. 310) traz uma reflexão, quando afirma que “a Educação precisa ser entendida como maior que a escola, pois está presente no trabalho, na família, na cultura, nas organizações sociais”. É nesse espaço de trocas e formação humana que se dá uma parte importante da preparação do ser humano.

Corroborando com Silva (2011), os estudos de Chalita (2004, p. 11) já haviam evidenciado este fato, ao relatar que a escola é: “A única alternativa política e social para que este país encontre a dimensão de sua grandeza e para que o povo que aqui vive encontre a dignidade. A tarefa de todo educador é formar seres humanos felizes e equilibrados”.

Portanto, a educação prestada deve ser comprovadamente entendida, que estará, sem dúvida, acima de interesses políticos e de instituições de ensino. Por estar inserida em todas as camadas sociais, ela somente valera à pena se conseguir dar uma resposta positiva a todos que buscarem a mesma, como meio de crescimento.

3.3 A FORMAÇÃO DOCENTE: DISCUTINDO A PRÁTICA INICIAL DO PROFESSOR

A formação de professores é entendida como a forma que determinado profissional atua em sua área. É um conjunto de ações que, quando transmitidos de maneira adequada a esses profissionais, faz toda a diferença, em como eles construirão os conhecimentos com os seus alunos.

Nessa realidade, são muitos os questionamentos que deveríamos nos fazer, quando acabamos de nos formar para iniciar o trabalhar na educação. Surgem, naturalmente, vários questionamentos nesta fase, tais como:

(...) Com quem trabalharemos? Com quem construiremos um projeto de vida, de escola, de educação, de sociedade? O que esperam de nós, nossos alunos e alunas? (...) Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo na escola. E vem a pergunta desalentadora: Para que estou estudando isso, professora? - Para que estudar? (GADOTTI, 2003, p. 50)

O tipo de formação que recebemos durante a nossa formação acadêmica é um diferencial na vida profissional do recém-formado. Outro ponto forte são as concepções trazidas pelo profissional ingressante no campo de trabalho. Questões, tais como: o modo que este profissional percebe o mundo, suas inclinações para esse trabalho, seus sonhos, sua ideologia, e sua subjetividade, sua própria vida, então, muitas questões envolvidas, direta ou indiretamente na atuação docente.

Podemos dizer que a formação significa mudança de postura, de comportamento, de ação e de prática. Entendemos que formação é capacitação e preparação para o trabalho, para a luta e para vida, onde as pessoas são desafiadas a se construir pessoalmente e coletivamente, é um espaço de socialização e de produção dos saberes acumulados ao longo da história de cada um e da humanidade. (CALDART; PALUDO; JOHANNES, 2006, p. 149)

Quando falamos em formação de professores para o campo percebemos que ainda estamos engatinhando neste item, visto que esse é um processo emblemático. Diante das dificuldades que são relacionadas ao campo, que vão desde o transporte à falta de estrutura escolar, podemos observar que houve um avanço nos últimos anos em nosso país, mas, ainda muito pequeno, diante das necessidades do campo.

Para que essa área se desenvolva com mais efetividade é preciso o engajamento de todos aqueles, que se sintam responsáveis por essa causa, porque sabemos que deveria ser interesse de todos, no entanto, isto não é uma realidade e nesse sentido, a formação dos professores se torna essencial, porque são eles que vão conduzir em sala de aula, um processo de mediação e construção de conhecimentos, visando que:

[...] os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente. I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 2002, p. 16)

Além da construção de conhecimento, nessa perspectiva, o mestre acompanhará a troca dos saberes particulares do aluno, o que eles trazem de bagagem consigo, do seu mundo particular para socializar com os demais, nesse grupo, no campo, como espaço de construção.

Sabemos que os alunos, na prática, nos ensinam também, aprendemos muito com eles. O professor precisa estar preparado, no que diz respeito à conscientização da realidade

vivida pelos povos do campo, em todos os aspectos e subjetividades que os envolvem, para que assim possa proporcionar aos alunos, um processo educacional no campo, comprometida de fato, com uma formação que contemple as reais necessidades desses sujeitos.

É bastante evidente a necessidade que se gera também, em relação à formação, seja ela inicial ou continuada, dos professores que vão atuar no campo, uma preparação específica, direcionada à teoria e à prática que venha capacitar esses futuros professores a atenderem ao que se espera de fato, da educação do campo.

O educador em si, já possui uma grande responsabilidade em suas mãos, mas, o educador do campo precisa ter um olhar diferenciado e voltado especialmente para as particularidades do campo. Para que a população deste espaço tenha uma melhor e total compreensão dos assuntos abordados é importante que esse educador conheça o ambiente, a cultura, o modo de agir dessa população, para saber lidar da melhor forma com ela.

Os profissionais que atuam na área do campo têm o dever do comprometimento de ensinar da forma que se adeque a essa população, através dos temas geradores. Infelizmente, a maioria dos profissionais da educação, não está preparada para atuar nessa área. Isso ocorre por mais de um motivo, porque em determinados casos, eles trabalham em mais de uma escola e para dar conta das exigências de cada uma, que em determinados casos, fica distante uma da outra, requer que ele gaste tempo para deslocar-se de um ponto a outro.

Outro ponto que dificulta é o grande número de alunos. O professor deve dar atenção a todos. A maior parte do tempo docente é dedicado à atividades dentro e fora da sala de aula. Para dar conta das exigências relacionadas aos seus alunos, na preparação de material para o trabalho cotidiano da sala de aula, restando pouco tempo dedicado à sua participação em família, e cuidar de si mesmo, da sua saúde, de outros interesses de sua vida particular.

Portanto, resta pouco tempo que o educador possa dedicar à sua qualificação, uma preparação mais consistente, no sentido de aprender mais e atender às dificuldades dos seus alunos. Sendo assim, ele acaba enfrentando situações difíceis porque aparecem questões que vão exigir dele uma preparação que o mesmo não tem: como agir nos casos voltados à sexualidade humana, às exigências para a sustentabilidade ambiental, a educação para o trânsito, e ele passa a viver nesse dilema da necessidade de se preparar e sem encontrar condições, quando sabemos que:

[...] a formação de professores será sempre importante para qualquer mudança educacional, sobretudo para a melhoria da qualidade do ensino. E pensar a qualidade da educação no contexto da formação de professores significa colocar-se a disposição da construção de um projeto de educação cidadã que propicia condições para a formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente, produzir e transformar sua existência. (CARVALHO, 2007, p. 6)

Cada docente deve investir em sua profissão, mas, muitos não pensam assim, mesmo sabendo que é de extrema importância o investimento no próprio aprimoramento, além do que a escola venha oferecer, pensando em enriquecer o seu currículo e tornar a sua prática pedagógica mais segura, onde ele possa ainda fazer uma reflexão sobre a sua própria atuação na educação, porque precisamos entender que: “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1997, p. 44).

Isso vai certamente refletir na formação de pessoas ativas e autônomas, independentes, por questões como estas, o educador que for trabalhar na realidade do campo, não trabalhará apenas, leitura, escrita e oralidade, mas, terá consciência de pontos realmente indispensáveis a esse alunado, como:

[...] conhecimentos do campo, as questões relativas ao equacionamento da terra ao longo de nossa história, as tensões no campo entre o latifúndio, a monocultura, o agronegócio e a agricultura familiar; conhecer os problemas da reforma agrária, a expulsão da terra, os movimentos de luta pela terra e pela agricultura camponesa, pelos territórios dos quilombos e dos povos indígenas. Conhecer a centralidade da terra e do território na produção da vida, da cultura, das identidades, da tradição [...]. (ARROYO, 2007, p. 11)

É bem notório que os desafios enfrentados pelos professores das escolas do campo são marcantes e um deles é a questão de ser político e crítico, em uma formação inicial, que deixou muitas lacunas é que precisa ser reformulada para poder oferecer uma base inquestionável, já que a própria sociedade nega a importância dessa categoria que está desvinculada de uma realidade econômica, em relação à própria questão salarial.

O enfrentamento da classe não é ligado apenas à problema salarial, como é ainda ao despreparo para enfrentar uma realidade tecnológica que dita as regras na atual sociedade que vive a era tecnológica em um mundo globalizado. Esse mundo exige um professor atualizado nos mais variados pontos e outro problema é que a família passou a cobrar da escola a educação que até ela mesma não deu aos seus filhos, deixa esse educador praticamente sozinho e sem a parceria da família, para a devida contribuição aos filhos nas suas atividades, apoio e outros tipos de acompanhamento fica mais complicado para a escola atender às exigências de uma preparação mais completa.

Dentro dessa realidade, se fala em um novo professor que:

precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas, a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada. (GADOTTI, 2003, p. 53)

Sem o devido apoio, o educador precisará contemplar as especificidades presentes na Educação do Campo, para que possa assim, ao se deparar nas salas de aulas desse contexto, venha desenvolver um processo de ensino capaz de transformar realidades, quando a mudança for necessária. Mas, sem uma preparação apropriada, o professor enfrentará maiores desafios.

O profissional da educação, quando assume uma classe com um determinado número de alunos, seja de qualquer nível, não estará assumindo somente a sua competência que é administrar aulas, como deveria ser; mas, assume toda uma situação complexa, que vai da reflexão psicológica no tratamento e no lidar com cada indivíduo, além do envolvimento no que diz respeito às formalidades exigidas no setor educacional.

Esse profissional terá que gerir as questões de sala de aula de modo a conduzir bem as que aparecerem para ele resolver, que envolvem situações de competência técnica e de alto domínio reflexivo. O mesmo, de tanto lidar com essas situações em seu cotidiano, acaba apresentando uma técnica própria, autodidática, que o leva a lidar com determinados desafios em seu meio.

Para Paulo Freire (1997, *apud* GADOTTI, 2003, p. 54):

O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem. O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Diante dessa reflexão, percebemos que deve haver no professor uma sensibilidade, que aliando prática à teoria e à boa vontade podem oferecer condições de superação em que o mestre vai ganhando experiência, na realidade prática que o cotidiano vai apresentando para ele de maneira inusitada, acontecimentos que ele jamais imaginaria ser capaz de lidar, tanto no plano do material, quanto no campo do humano, tanto das questões dele quanto a dos seus alunos, principalmente quando é movido pelo amor, ele consegue se envolver e se superar nas dificuldades.

3.4 CARACTERÍSTICAS QUE ACOMPANHAM UM BOM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Quando optamos por sermos professores, e temos uma decisão pessoal, significa que queremos realmente estar na profissão docente, acontece um fenômeno que nos envolve e fica mais difícil recuar, mesmo diante de questões desestimuladoras, como as que temos nos deparado em nosso país.

Ainda que a categoria docente venha passando por a falta de reconhecimento do seu valor para o desenvolvimento da própria sociedade e estar diretamente relacionada com fatores de desestímulo, é importante entendermos que ela está inserida nos segmentos da sociedade porque se encontra presente na construção de todas as demais profissões, e mesmo com suas dificuldades, isto é um ponto que a torna importante.

Mas, sabemos que é o professor que faz a diferença, a partir do seu interesse, para a “[...] educação ser desvestida da roupagem alienada e alienante, e ser uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 2007, p. 44). Isto traz o diferencial entre um e outro educador, para a realidade social. Na nossa profissão, o nosso jeito de agir revela que tipo somos, porque são vários os tipos nessa profissão.

Temos o docente que é conhecido por lamentar, aquele que reclama do sistema, quando sabemos que ele mesmo é parte deste sistema. Ele pode não entender que deixa de produzir a transformação necessária, em uma sociedade como a nossa com tanta desigualdade de classe, de salário, de oportunidade de aprendizagem e de emprego, existem outros que fazem mudança com o que tem em mãos e em mente.

Estes mestres agem com o sentimento e envolvem-se porque acreditam que a educação é uma causa de todos e se apresenta como meio de crescimento fundamental em um país de desigualdade como o nosso, de situações em comunidades precárias, de ignorância que gera mais desemprego, mais violência infantil, abusos, violência contra a mulher, gerando carência e desestrutura familiar e do meio social, que tendo a escola, pode ter outras oportunidades. Acreditamos que:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive [...] é participar do processo construtivo da sociedade [...] na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano e saudável. (LIBANEO, 2001, p. 13-14)

Acreditamos que a falta de educação traz também essa desestrutura, acaba dando abertura à falta de perspectiva para os jovens, que em muitos casos acabam se envolvendo no mundo das drogas, o despreparo de adolescentes e da juventude pode gerar o desconhecimento.

É nessa realidade de desconhecimento, de desigualdade social, de desestruturação financeira e despreparo educacional, aonde vem ocorrer à gravidez indesejada, como um problema mais sério porque envolve a saúde de adolescentes, com abortos, e descaso com os filhos gerados nessas condições, em uma idade, que passam da infância para a fase de responsabilidade familiar, sem a menor estrutura, sem preparo, gerando, assim, dificuldade para se viver em um sistema bastante complexo, como é esse do Brasil.

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. (FREIRE, 1997, p. 46)

Por questões como essas, a educação é um meio de reverter situações, tomar para si, a sua tarefa de mudar a realidade, mas, para tanto, na cabeça do professor deve estar a ideia de acreditar na sua prática pedagógica como uma oportunidade para crianças e adolescentes, que dependem muito dele, com sua capacidade de amar, como diz aquele grande educador.

A educação adequada pode garantir uma chance de manter esse aluno frequentando aulas, participando das atividades escolares, e em sala de aula sendo envolvido pelo seu mestre, que foi formado para oferecer uma educação realmente voltada ao desenvolvimento da sociedade. Ele precisa ter sonhos, acreditar nele mesmo, de modo que:

O professor precisa acreditar no que diz, ter convicção em seus ensinamentos para que os alunos também acreditem e se sintam envolvidos. Precisa de preparo para ir no rumo certo e alcançar objetivos almejados. Aquele que não prepara as aulas desrespeita os alunos e o próprio ofício. É como um médico que entra no centro cirúrgico sem saber o que vai fazer... Uma aula preparada, organizada, com o conteúdo refletido, muito provavelmente será bem sucedida. Preparação é planejamento. (CHALITA, 2004, p. 161)

A profissão docente está na base da formação de todo e qualquer profissional, não só da área da Educação, assim como de qualquer outra área, porque ele passa, de algum modo em seu trajeto, por um professor, que é de extrema importância, para a sua jornada acadêmica, durante esse longo trajeto, em busca de conhecer.

A escolha dessa profissão docente passa por transformação, porque não chegamos a ser professores dedicados e permanecemos, se não abraçamos a carreira, que sofre críticas, dentro e fora do próprio campo de atuação, seja por se apresentar muito racional, ou mesmo bastante emocional, pois, cada um tem uma marca forte que o acompanha ao longo da sua vida pedagógica.

Quando se trata de prática pedagógica, cada educador constrói a sua de acordo com suas experiências e suas possibilidades. Isso faz da classe um leque de possibilidades de práticas, uns mais atualizados, outros, não, uns mais preparados, outros cheios de lacunas, de falta mesmo de conhecimento, temos os mais antenados, enquanto há aqueles bem tradicionais.

O professor tradicional é aquele que não tem perspectiva de mudança, que se limita apenas ao seu material didático, não dando oportunidade ao novo. Ele é extremamente engessado, repetitivo e condicionado que foca mais na memorização, do que na própria aprendizagem do aluno.

O docente que se enquadra nesse perfil, é o mesmo que se acha superior, não se sente motivado a inovar, pois, trabalha onde só ele apresenta “respostas corretas” e acredita que vem “dando certo” e por isso não acredita na renovação, no seu entender toda a falha é atribuída ao aluno. Observamos que o tradicional é aquele que:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, fixá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam... Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. (FREIRE, 1987, p. 33)

Na prática de educação bancária, o mestre age como se a obrigação do aluno é nada mais nada menos do que estar sentado, em silêncio, bem atento, em sua carteira e acolhendo seus comunicados, para arquivar o que o professor comunica, como se o educando não soubesse de “nada” e chegasse à escola para aprender “tudo” com o seu professor, o dono do saber. Infelizmente, sabemos que muitos continuam presos nessa prática.

Enquanto o educador construtivista, aquele que dá oportunidade do aluno expressar-se e construir suas próprias respostas, sem dar uma extrema importância se o aluno apresentou a resposta “errada” ou “correta”, mas, levando em consideração o percurso de ideias que ele fez para chegar a tal resposta, surge com um novo olhar de educação.

São muitas as formas de construção de conhecimento em sala de aula. São variadas as visões e metodologias, mas, acreditamos que, quem faz a diferença é mesmo aquele mestre que vai à escola com a boa vontade, ensina com humildade e amor, tratando os seus alunos com o respeito devido, agindo com ética porque o educador, em muitos casos, é um modelo para os seus alunos.

Mas, sabemos que nem todos os que passaram em nossa vida de aluno, deixaram boas lembranças. Temos os que deixaram marcas boas e os mercedários por serem péssimos modelos de professores. Existem os que deixam lembranças desagradáveis, por terem sido arrogantes, autoritários, que deixam até mesmo sequelas da vida escolar dos educandos, pois, quando deveriam ter conquistado a confiança e o respeito das crianças, acabaram ocasionando nelas, o medo e outros sentimentos negativos. São vários os tipos de professores que passam por nossa vida de estudante.

[...] o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1997, p. 76)

Temos os professores não querem ser lembrados por um lado negativo, principalmente, não querem ser associados ao lado negativo da escola, como responsável por resultados negativos, de evasão, de abandono ou de desistência da escola, de reprovação, de fracasso escolar. Existe um grupo docente que desconhece o agir com tolerância, com flexibilidade, e isso vai de encontro com a construção de um professor libertador, mediador do diálogo, porque:

o educador, para por em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. (GADOTTI, 1989, p. 2)

Nesse sentido, todo aquele que se interessa pela sua profissão, com certeza vai querer o melhor para o educando. Este deve ter a oportunidade de se expressar na sala de aula, no trabalho com entusiasmo pelo que faz, e com o respeito ao aluno, vai ter o espaço para o diálogo. Entendemos que todos precisam sentir-se importante e feliz na escola.

Elegemos algumas categorias de análise que acreditamos serem essenciais no exercício da profissão de professor: responsabilidade, compromisso, autoavaliação, domínio de conteúdo, assiduidade, entre outras características. Essas categorias estão de acordo com os

autores: Biazon, Vieira e Matumoto (2009, p. 154); Perrenoud (2000, p. 164); Perrenoud (1999, p. 53); Campos (2005, 16).

Não é possível agir como docente, sem que exista a responsabilidade, esse agir envolve certas exigências que são assumidas a partir do momento em que ele se dispõe a trabalhar no campo da educação. Como nos diz Biazon, Vieira e Matumoto (2009, p. 154):

O profissional, para atender de forma consciente o seu alunado, deve então conhecer, compreender e assumir com responsabilidade o perfil profissiográfico da instituição em que trabalha, primando sempre pela prática consciente de seu papel de formador, com ética e virtude no ensinar.

Um bom professor terá que preencher requisitos básicos, como assumir e responder pelos seus atos em sala de aula, prestar um serviço de qualidade, ser pontual, ao apresentar-se para o trabalho. Entre tais deveres estão ainda, o de ser ético na profissão, com os seus alunos, colegas de profissão, com os princípios do regulamento da escola onde desempenha sua função.

Para exercer a docência, o sujeito tem que considerar o aluno em suas particularidades e interessar-se pela sua aprendizagem. Ao assumir a sala de aula, ele precisa ter consciência da sua função pedagógica; estar atento às ocorrências nesse espaço, pois, o que acontece neste contexto é de sua responsabilidade.

Além de ter a competência sobre a sua disciplina, ele precisa ter o controle das situações, como verificar o andamento das atividades, trabalhar para manter, na sala de aula, o bem estar, a integridade física e mental do educando, porque este estará sob sua responsabilidade.

Na relação do professor com o meio escolar, o compromisso é outra característica que não pode faltar. O próprio trabalho docente é, ou deve ser um sinônimo de compromisso, com a aprendizagem e cuidado com o educando. É necessário que ocorra o cumprimento dos combinados, que vão da própria pontualidade até a sua ação pedagógica em sala de aula, que deve ser de modo crítico e reflexivo.

Nesse entendimento do comprometimento docente, há de se desenvolver o interesse pelo compromisso político e social, a habilidade do trabalho em equipe, da participação do projeto a que a escola se propõe, de modo a apoiar a gestão escolar, mantendo os pais e outros responsáveis informados sobre a vida escolar do aluno. Dentro dessa realidade, se espera que o docente realize um trabalho reflexivo, onde o professor tenha autonomia e realize a autoavaliação, sobre isso, questiona Perrenoud (2000, p. 164):

Por que colocar-se na dependência de especialistas em diagnóstico se cada indivíduo pode tornar-se ele mesmo um especialista? A multiplicação das reconversões profissionais e dos processos de validação de conhecimentos experienciais amplia gradualmente o círculo dos profissionais capazes de auto-avaliarem suas competências. A propósito disso, fala-se habitualmente de auto-avaliação. Parece-me que a idéia de balanço de competências tem conotações menos negativas. Deveria ser, antes de mais nada, uma prática voluntária no âmbito da autonomia de um profissional [...].

Um dos critérios para a boa prática pedagógica é a avaliação educacional coerente, já que avaliar é um requisito básico no processo de ensino-aprendizagem, mas para que se dê de modo adequado é preciso que o professor tenha consciência da necessidade da autoavaliação. A partir daí, ele poderá avaliar a sua prática e ter revelado erros e acertos, na própria ação avaliativa e educativa de modo geral e assim, se construir e reconstruir a partir dos seus resultados.

Além de ter criatividade, o educador precisa apresentar domínio de conteúdo, que é fator primordial na ação pedagógica, para isto, as aulas devem ser bem planejadas. Esta é uma competência básica, já que o mesmo terá que lidar com essa habilidade de trabalhar os conteúdos que são orientados no currículo. Ele deve ter em mente a sua preparação e consistência, no que diz respeito à autonomia com os assuntos que serão ministrados em sala de aula, no decorrer do ano letivo, priorizando a aprendizagem do seu aluno, como nos diz Perrenoud (1999, p. 53):

Formar em verdadeiras competências durante a escolaridade geral supõe - e talvez estejamos começando a entendê-lo - uma considerável transformação da relação dos professores com o saber, de sua maneira de “dar a aula” e, afinal de contas, de sua identidade e de suas próprias competências profissionais.

Sem o domínio dos assuntos que precisam ser ensinados, o professor não terá condição de assumir o ato de construção de conhecimento, juntamente com os seus alunos que precisam dele para conduzir o processo de ensino-aprendizagem, que requer segurança na apresentação das disciplinas e conhecimento nos campos que se propõe a ensinar. Ele deve demonstrar segurança, pois, “[...] o equilíbrio entre a qualidade do conteúdo e a melhor maneira de o comunicar é condição indispensável para gerar aprendizagens significativas para os estudantes” (CAMPOS, 2005, 16).

O trabalho docente não flui, sem o domínio dos conteúdos. Percebemos que são muitas as competências que ele terá que desenvolver.

Entre tais competências chamamos a atenção para a assiduidade, como característica relevante deste profissional. Ele deve assumir a constância, permitir que os demais membros da sua equipe pedagógica e os seus alunos possam contar com ele, em períodos letivos, bem como em compromissos assumidos pelo mesmo, relacionados à sua prática pedagógica. Por fim, entendemos que tais aspectos devem ser considerados nas práticas pedagógicas para que assim, as reais necessidades educacionais dos alunos sejam atendidas.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo está baseado na pesquisa exploratória quanto a finalidade do estudo, do tipo estudo de caso quanto à aquisição de dados, do tipo qualitativa quanto análise de dados. A pesquisa científica é entendida neste texto na perspectiva de Gil (2007) como sendo: “(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de fases, desde formulação do problema até apresentação dos resultados” (GIL, 2007, p. 17).

Neste trabalho, a intenção foi fazermos uma abordagem de natureza qualitativa, na qual “...o pesquisador não pode fazer julgamentos, nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 1997, p. 34). No que diz respeito à outra forma de coleta de dados, optamos por utilizar o estudo de caso, que:

pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (FONSECA, 2002, p. 33)

Através do estudo de caso, optamos para estudar a prática da Professora, sujeito da pesquisa, porque este tipo de estudo, permite investigar uma única pessoa, aqui neste trabalho, para conhecê-la com maior profundidade, em seus aspectos pedagógicos, nos apropriarmos da realidade da sala de aula e de detalhes da prática docente.

Usamos como principais instrumentos para aquisição de dados uma entrevista semiestruturada e um diário de campo. O sujeito do estudo caracterizou-se por ser uma professora, de uma escola pública, com muitos anos de experiência e que se destacou nos últimos anos por sua atuação no ambiente escolar, sendo considerada pela equipe de trabalho da instituição como referência no ensino com crianças em fase inicial de escolaridade.

Assim realizamos atividades de observação e acompanhamento das aulas da professora (em sala de aula e fora dela) em suas tarefas regulares desta profissional em uma turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, durante o período de 01/10/2014 a 13/12/2014.

Vale salientar que estas visitas não ocorriam todos os dias, mas, em dias intercalados, combinados e autorizados pela professora e direção da instituição escolar.

A escola participante da investigação foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, que está situada em uma região da periferia de João Pessoa, onde a grande maioria do seu público é caracterizada como campesino, por ser formado por comunidades de pescadores, sendo considerada escola do campo (BRASIL, 2010). Esta instituição atende um grande número de estudantes e será apresentada no capítulo, a seguir, bem como outras discussões relevantes do estudo.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa do trabalho apresentamos, de maneira detalhada, um tópico com um breve histórico a respeito da escola campo de pesquisa, onde revelamos dados em relação à mesma, como o seu nome, o ano em que foi fundada, a cidade em que está localizada, o número aproximado de professores, alunos e funcionários, que compõem a escola. Nesta fase da pesquisa revelamos ainda, outro tópico interessante deste estudo, que é o resultado da entrevista aplicada à professora, sobre a qual coletamos dados que estão discutidos neste contexto passo a passo.

5.1 BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR – CAMPO DE PESQUISA

A escola escolhida como campo de pesquisa, se enquadra em um critério muito simples, se deu por indicação de colegas da academia, que foi indicada como uma instituição aberta à pesquisas da universidade. Apesar da escola não estar inserida dentro das escolas consideradas do campo, optamos por realizar a pesquisa, mesmo assim. Seguem abaixo alguns dados que julgamos importante sobre a instituição, no Quadro 01:

Quadro 01: Os dados da escola campo de pesquisa.

Dados	Campo de pesquisa
Nome da escola	E. M. E. F. Antônio Santos Coelho Neto.
Ano da fundação	1968.
Município	João Pessoa – Paraíba.
Localização	Praça Osvaldo Pessoa, na Praia da Penha.
Horário de funcionamento	07h00min. - 11h45min. 13h00min. - 17h30min. 18h00min. - 22h00min.

Fonte: Construção dos pesquisadores.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, campo de pesquisa está situada em uma região, onde a grande maioria do seu público é caracterizado como povos do campo (pescadores). Observamos que ela é organizada em sua estrutura,

assim como também no que diz respeito às suas práticas. Possui educadores que amam o que fazem e se destacam pelos bons serviços prestados à sua comunidade.

Quadro 02: Número de professores, alunos e funcionários da E. M. E. F. Antônio Santos Coelho Neto.

Discentes	Aproximadamente 700 alunos e alunas.
Docentes	Aproximadamente 50.
Funcionários	Aproximadamente 40.
Total de sujeitos:	Aproximadamente 790.

Fonte: Construção dos pesquisadores.

Desenvolvemos a pesquisa na mencionada escola porque ela atende a determinados critérios de uma escola do campo, que: “tem sua identidade definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na sua temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros [...]” (BRASIL, 2005, p. 37).

Dando continuidade à apresentação dos dados coletados na pesquisa de campo, temos o Quadro 02, com as características da professora pesquisada.

Quadro 03: Dados do sujeito pesquisado na E. M. E. F. Antônio Santos Coelho Neto.

Dados	Sujeito pesquisado
Docente	1 (um).
Sexo	Feminino.
Idade	40 anos.
Formação acadêmica	Pedagoga, com Especialização em Psicopedagogia Institucional.
Nível de ensino e ano em que atua	1ª Ano do Ensino Fundamental.

Fonte: Construção dos pesquisadores.

A professora a que nos referimos no Quadro 02 – sujeito da pesquisa – chama-se Katia Maria Batista Bronzeado. Ela atua na área da educação há 26 (vinte e seis) anos, com tempo de serviço comprovado. Está concluindo a sua segunda Especialização, que é em Gênero e Diversidade da Escola. É alfabetizadora, tem as formações do PROFA,

LETRAMENTO e PNAIC. Trabalhou dez anos com a Correção de Fluxo, com os programas de aceleração também. Trabalha em dois municípios.

5.2 RESULTADO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A EDUCADORA DO 1ª ANO, DO ENSINO FUNDAMENTAL

Além da parte teórica, alguns questionamentos deram base a este estudo, a saber: O que a motivou a professora pesquisada a escolher essa profissão; Qual sua formação acadêmica e o tempo de atuação; Como um professor pode destacar o seu diferencial; Como é a escola onde leciona e se encontrou alguma dificuldade na sala de aula no início da profissão, se encontrou, elas ainda existem?

Outros pontos perguntados, foram: Como a educadora vê a sua turma hoje atual; e como ela vê a turma com relação aos conteúdos e as disciplinas; perguntamos sobre as principais dificuldades encontradas em sua experiência docente e a relação professor/aluno na sala de aula, quanto à liberdade x autoridade.

Nesse roteiro de questões, perguntamos ainda, em relação às condutas relevantes para manter o aluno motivado à aprendizagem e quais metodologias principais são adotadas na prática da educadora pesquisada; bem como os principais recursos pedagógicos usados na sua prática docente; o que pensa sobre a formação continuada para professores; se ocorreu algum episódio na carreira da mesma que tenha lhe causado emoção e se causou, porquê causou; se em algum momento de sua carreira pensou em desistir da docência e por fim, o que é, para ela, ser um bom professor? A partir daí, seguimos para realização da análise dos dados coletados, que podemos observar a seguir:

Quando foi perguntado o que a motivou a escolher essa profissão, a sua resposta foi que desde os seus seis anos de idade, ela tinha na alfabetização uma professora muito especial, então, desde lá já brincava com bonecas, montava as salas de aula em sua casa e já cresceu determinada, “vou estudar para ser professora”, porque a forma como a sua professora (Tia Elza), que a conhece até hoje, o modo como ela ensinava aos seus alunos, a sua maneira de alfabetizar, foi primordial em sua decisão, “eu queria ser Tia Elza”, afirmou a Educadora.

Essa exposição vem reforçar que: Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais... (ALVES, 1994, p. 4).

Concordamos com esse modo de ver a educação, de ver a profissão docente como algo tão especial, que pode marcar a vida de um aluno, ficando na sua imaginação, marcado

na sua memória, contudo, é preciso ter cuidado, pois, assim como temos aqueles que marcaram de modo positivo a vida de alguém, temos o que também pode ter deixado marcas negativas, que são difíceis de serem apagadas.

Sobre como o professor pode destacar o seu diferencial, a sua resposta foi que, em sua prática, sempre optou pelo trabalho que quebrasse uma rotina. Ela não gosta de fazer as mesmas coisas, todos os dias, gosta que o aluno participe, a Educadora dá esse espaço para que, até mesmo o aluno converse na sala, para que ele dê a sua opinião; sempre trabalhou em uma prática de construção, sempre buscou fazer com que o aluno vivenciasse a Escola do novo tempo, em que o professor deve entender que:

[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (PAULO FREIRE, 1996, p. 23)

Em relação à Escola que atua, a Educadora afirmou que ensina nessa instituição há 2 (dois) anos e diz que é uma Escola tranquila, uma Escola onde a direção, a equipe de especialistas trabalham em parceria com os professores, que eles estão o tempo todo no apoio, não só a direção, especialistas, como todo o corpo docente da Escola, funcionários, o pessoal de apoio.

Ainda em seu depoimento, compartilhou que é gratificante trabalhar nessa instituição porque não trabalha só, já observou que existe uma rede, e que essa rede é composta por todos que formam a Escola, que é sempre em prol de um bem maior, de um bem comum que é o alunado. Nesse sentido, concordamos com a professora pesquisada, ela fala na importância da parceria no trabalho na escola.

Sabemos que um trabalho feito em equipe, ou seja, uma equipe multidisciplinar, que seja voltado para as necessidades dos alunos, com cada profissional trabalhando de modo cooperativo, contribui muito, porque:

Em um grupo de indivíduos com funções distintos, com uma metodologia compartilhada frente a um objetivo comum, cada membro da equipe assume claramente as suas próprias funções, assim como os interesses comuns do coletivo, e todos os membros compartilham as suas responsabilidades e seus resultados. (ZURRO; FERREROX; BAS, 1991, p. 29)

No que diz respeito às dificuldades encontradas em sala de aula, no início de sua profissão e se essas dificuldades ainda existem, a Educadora afirmou que sim, que ainda existem, disse que a cada ano ela sempre fala para as suas colegas, que a cada ano que você inicia com uma nova turma, você antes tem que quebrar alguns tabus, antes você tem que quebrar alguns vícios.

Esse ano, por exemplo, ela falou que as suas crianças, no início do ano letivo não se tratavam por seus nomes próprios, elas se conheciam por apelidos, então, a Professora disse que isso foi uma prática deles no ano anterior, e ela foi trabalhando isso.

Ainda em seu relato afirmou que eles passaram 6 (seis) meses utilizando um crachá, preso à blusa, com o objetivo de cada um ler o nome do seu colega, aprender e passar a chamar o outro pelo nome próprio, não mais por apelidos. Segundo a Educadora, cada ano sempre tem uma novidade, sempre tem uma coisa diferente, tem sempre um desafio, mas, é algo que se vai contornando e depois, retoma.

Concordamos com o pensamento da Professora pesquisada, quando ela se importa com a identidade das crianças, pois, esse é um ponto interessante que o educador não pode deixar de trabalhar na sala de aula, é uma forma de reconhecimento de si mesma, nós gostamos de ser chamados pelo nosso nome. O nome faz parte de nossa identidade como pessoa, é válido saber que:

A educação está intrinsecamente relacionada à identidade de quem aprende, pois só se dispõe a construir e obter um aprendizado, alguém que se dispõe a construir a sua identidade... a identidade do homem só é formada quando ele se envolve em seu meio social, se realmente se insere no mundo da linguagem, da interlocução, assim, o ser humano pode desenvolver a sua consciência. (FERNANDES; ALMEIDA; RODRIGUES, 2009, p. 2)

Quando perguntamos sobre como a Educadora vê a sua turma, a mesma relatou que vê a sua turma bem avançada, que se fosse para terminar o ano agora e avaliar, fazer uma avaliação final em relação à avaliação diagnóstica, todos os alunos estariam promovidos, promovidos porque os seus alunos tiveram vários avanços, desenvolveram muitas atividades, adquiriram competências e ela está muito feliz pelos resultados alcançados.

A avaliação é um trabalho bem detalhado que cabe ao professor e que não é fácil, porque muitas vezes, ele pensa que o resultado alcançado pelo seu aluno foi devido o desempenho somente do educando, mas, nós entendemos que o educador acaba sendo também avaliado. Assim, compreendemos que, quando o aluno se sai bem nos resultados, ou

se sai mal, o professor deve prestar bastante atenção porque esses resultados também podem estar mostrando o desempenho do trabalho docente, aprendemos que:

Avaliar é tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, reorientar o trabalho para correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos (...). A avaliação é tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas (...). (LIBÂNEO, 1994, p. 195)

Consoante aos conteúdos didáticos disciplinares, a avaliação da Educadora, da sua turma, em relação às disciplinas é que o seu trabalho é realizado sempre em cima de uma sequência didática, ela planeja e esse planejamento não acontece de forma individual.

A participante da pesquisa relata que a Escola participa do planejamento, que esse trabalho, a referida sequência é feita de forma interdisciplinar, então, diante desse ponto, a sua turma consegue identificar conteúdos de cada disciplina, eles sabem que uma disciplina está sempre casada com outra, que um conteúdo está sempre fazendo referência a outro e que nesse ano, eles conseguiram dominar isso direitinho.

Observamos que o planejamento é um elemento fundamental na atividade docente, porque ele vai orientar o professor para as atividades e o modo dele proceder em sala de aula, porque traz suas aulas detalhadas e cada ação está bem organizada passo a passo. Isso facilita o seu trabalho com os seus alunos, falando em planejamento de acordo com (MENEGOLLA & SANT'ANNA, 2001, p. 40):

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação.

Já no que diz respeito às dificuldades encontradas em sua experiência profissional, Kátia afirma que a maior delas que é real, ela diz não ser hipócrita, é a dificuldade financeira, relatou que conversando com um amigo professor, estava falando para ele, diante de uma reflexão sua, que o médico não leva o paciente para casa para terminar o serviço, e que nós professores trabalhamos as nossas 20 (vinte) horas semanais, praticamos 5 (cinco) horas de formação e ainda levamos muito trabalho para casa nos finais de semana.

A única dificuldade que a Educadora vê é a falta de reconhecimento. Afirma que nós ganhamos muito pouco pelo que fazemos. Disse que já fez essa conta, já dividiu as horas aulas, já aumentou as aulas extras, as tarefas que leva para casa e chegou a conclusão de que nós hoje, pagamos para trabalhar, ela reafirma mais uma vez, que a única dificuldade em sua visão é a falta de reconhecimento, é o financeiro, acredita que as coisas poderiam mudar.

Diante da realidade em que vivemos, não concordamos com a professora pesquisada, quando ela afirma que a falta de reconhecimento é a única dificuldade enfrentada pelos membros da educação, porque atualmente na escola, não se vê a participação da família acompanhando seus filhos, ou melhor, poucos pais vão para a escola saber como os filhos estão participando das aulas, ou de outras atividades feitas pelos professores.

A ausência da família no acompanhamento dos filhos é um dos problemas que a escola vem enfrentando e isso atrapalha o andamento da vida na escola, porque muitos pais deixam para a escola resolver questões que somente ela poderia resolver. Sabemos que a escola não pode responder sozinha pela educação da criança, é assegurado em lei, que:

Art. 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à Criança e ao Adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-la a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p. 148)

No que se refere à relação professor-aluno na sala de aula (liberdade x autoridade), a Educadora afirma que nem gosta tanto dessa nomenclatura autoridade, ela gosta mesmo, é apaixonada pela liberdade, a mesma acredita que a criança dentro de sala, ela tem que te respeitar, pela tua forma de ser, pelo teu convencimento do que venha a ser respeito.

Em seu relato, continua afirmando que, quando você consegue ter um diálogo com essa criança, mostrar para ela que aquela é uma atitude errônea e ela pode melhorar, que se você a respeita, ela deve te respeitar e assim respeitar ao próximo, assim todos vão trabalhando em uma mão dupla, não se precisa usar de autoridade, mesmo você sendo o adulto da história, mas, dá para fazer isso fazendo um trabalho de início e mostrando à criança dentro dos limites, como é que a gente pode viver.

E a professora da pesquisa tem razão, o respeito mútuo é uma base que pode dar uma sustentação nas relações entre as pessoas e na sala de aula não é diferente, o docente terá que agir em sua prática pedagógica com respeito aos seus alunos e assim, eles também poderão aprender a respeitar os demais. Acreditamos que:

[...] ao dever de respeitar o outro, articula-se o direito (e a exigência) de ser respeitado. Considerar o respeito mútuo como dever e direito é de suma importância, pois ao permanecer apenas um dos termos, volta-se ao respeito unilateral: Devo respeitar, mas não tenho o direito de exigir o mesmo ou Tenho o direito de ser respeitado, mas não o dever de respeitar os outros. (BRASIL, 2000, p. 103-104)

Em sua opinião, as condutas relevantes que um professor pode ter para manter o aluno motivado à aprendizagem, é fugir da rotina, quebrar a rotina, fazer com que o aluno, em casa, diga que não vai faltar à aula porque a sua professora vai fazer uma coisa diferente em sala, porque ela faz algo diferente todos os dias, porque a aula de hoje nunca será a mesma da aula de ontem, ela vai levar alguma coisa, vai fazer alguma brincadeira, uma dinâmica, ela vai mostrar um filme, vai tirar os seus alunos da sala de aula, vai deixar que alguém dê aula em seu lugar, então, em seu ponto de vista, esse coringa chamado surpresa, o fazer da Escola um lar, um aconchego, um lugar que desperte curiosidade, motiva e muito, a criança.

Sendo assim, a escola pode acolher melhor seus alunos e ao mesmo tempo despertar os mesmos para o conhecimento, trazendo o bem estar e ao mesmo tempo despertando o gosto deles pelo ambiente escolar, o educador pode fazer o seu trabalho pedagógico de modo bem criativo e assim, eles aprendem e gostam da sua sala de aula.

As escolas: imensas oficinas, ferramentas de todos os tipos, capazes dos maiores milagres. Mas de nada valem para aqueles que não sabem sonhar. Os profissionais da educação pensam que o problema da educação se resolverá com a melhoria das oficinas: mais verbas, mais artefatos técnicos, mais computadores. (ah! o fascínio dos computadores!). Não percebem que não é aí que o pensamento nasce. O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isto os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (RUBEM ALVES, 2000, p. 93)

Quando perguntado quais as principais metodologias de ensino adotadas por ela, em sua prática, ela respondeu que gosta e que trabalha com a pedagogia de projetos, acredita na ligação das disciplinas, que se você determinar para aquele mesmo projeto que consegue abranger as cinco disciplinas obrigatórias e consegue trabalhar com a grade curricular dentro desse projeto, seja para uma semana, seja para um mês, seja para um bimestre, você consegue com êxito.

Entendemos que o mestre buscando meios de ajudar aos seus alunos a aprenderem, poderá ficar mais fácil o ensino e também a aprendizagem. Ele terá que usar a sua criatividade

e os variados recursos porque em primeiro lugar está a aprendizagem das crianças. Nesse sentido, a pedagogia de projetos poderá facilitar essa aprendizagem, porque:

(...) o projeto rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas de conhecimento, mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade. Isso não significa abandonar as disciplinas, mas integrá-las no desenvolvimento das investigações, aprofundando-as verticalmente em sua própria identidade, ao mesmo tempo, que estabelecem articulações horizontais numa relação de reciprocidade entre elas, a qual tem como pano de fundo a unicidade do conhecimento em construção. (ALMEIDA, 2002, p. 58)

Observamos que o envolvimento dos alunos com a Educadora foi excelente. Os alunos demonstravam muito carinho e respeito para com ela. Sempre que propunha diante deles uma atividade, eles faziam, sem questionar, sempre a ouviam. Percebemos que não era nada forçado, era uma relação que ocorria de forma natural e acontecia uma troca sincera de um para com o outro, existia reciprocidade.

Em um dos dias de observação, a Professora iniciou com uma conversa informal com os seus alunos, e em seguida, deu início à sua aula com uma correção de uma atividade de Matemática: “Recordando as tabuadas do 2 ao 5.” Chamou um aluno ao quadro para que o mesmo respondesse porque $2 \times 10 = 20$, e ele respondeu que é porque é o 10 duas vezes e logo $10 + 10 = 20$. Em seguida, ela começou a trabalhar o dobro dos numerais. E lançou a determinada pergunta para um aluno: “O que devo fazer para descobrir o dobro de um número?” E o seu outro aluno respondeu imediatamente: “Multiplicar por dois.”

A educadora relatou que aquele aluno mais agitado da sua sala é o mais inteligente. Ela foi dando continuidade ao seu trabalho de estudar o dobro dos numerais, e saiu perguntando o dobro da idade de cada um. A professora disse que, quando ela estudava, essa era a brincadeira da hora do intervalo, e não é que eles estavam super afiados, em relação ao dobro de cada número. Em seguida, e de surpresa, a diretora entrou na sala de aula para dar um aviso e os meninos perguntaram o dobro da idade dela, a mesma disse “88”, logo eles disseram “44”, ela sorriu, pois, ficou bem contente podendo observar o desenvolvimento dos alunos da sua Escola.

Depois de concluir sobre o dobro dos numerais, a professora voltou para fazer algumas explicações sobre algumas questões de operações. A mestra começou a falar: “Eu estou em pé, o meu nome é “x”, se eu deitar o meu nome mudará?” E todos responderam que

não, pois bem, ela explicou que a conta pode ser apresentada deitada ou em pé, mas que os resultados não serão alterados, pois, a ordem não altera.

Diante das observações percebemos que a mesma possui várias técnicas eficazes, que aplica em sua prática. “Quando eu estou chamando um nome para responder, é porque eu sei que esse aluno não está prestando atenção,” afirma a Educadora. Assim, concluímos esta etapa e partimos para a análise de dados da pesquisa.

Sobre recursos pedagógicos utilizados na prática docente, a Professora afirmou que o seu apoio maior é em cima do livro didático, que a escolha pelo livro didático foi muito interessante, foi uma escolha assertiva e que além do livro didático possui, em sua sala de aula, 30 livros literários. Ela disse: “nós trabalhamos”, e explicou que quando se refere a “nós”, é porque na Escola, o professor não é individual em momento algum, possuem todos os recursos, trabalham com vídeos, aulas de campo e por aí vai. Muitos professores criticam o uso do livro didático, por ser um recurso usado, a ponto de se deixar de usar outros materiais. Mas, na sala deve existir muitos instrumentos a serem usados para o livro não se tornar um elemento cansativo e os alunos passarem a recusá-lo. Não vemos mal no uso do livro didático.

O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior... a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo á repetições ou imitações do real. Entretanto, o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar... (SANTOS; CARNEIRO, 2006, p. 206)

Em relação à formação continuada, a Educadora relatou que a questão não é ter formação continuada, a questão é ter formação de qualidade, “é porque nós estamos sendo o tempo todo convidados a participar de formações, onde, depois de 8 horas de trabalho, você chega para mais 4 horas de formação e o que você vê lá na sala, no ambiente, seja virtual ou não, você vê que você trabalha, que os textos que lhe são apresentados, os teóricos que você vai estudar em muitas das situações, eles não fazem e nem têm como fazer uma ligação com a sua prática”. Como vimos a Educadora afirma que a busca agora é pela qualidade, no sentido de se ter uma formação que contemple as necessidades e os desafios reais encontrados em sala de aula pelos professores, pois como a Educadora nos apresentou em sua colocação acima as formações continuadas que estão sendo oferecidas fogem da realidade e das necessidades que os professores e o sistema educacional como um todo enfrentam no seu dia a dia.

Concordamos com a opinião da Educadora pesquisada, quando fala sobre a formação continuada de qualidade para os professores, porque acreditamos que a formação é um tempo de preparação para uma prática mais adequada, onde eles aprendem muito e podem ampliar seus conhecimentos sobre variados temas, e quando essa formação de fato ocorre com qualidade contemplando os desafios enfrentados em sala de aula pelos professores a formação continuada se torna essencial.

É fundamental pensar a formação como superação da fragmentação entre teoria e prática, entre escola e prática docente, de modo que as dimensões da sincronidade possam se revelar e integrar, na compreensão ampliada de si mesmo, do processo de ensino e aprendizagem e das relações sociais da e na escola, síntese da formação e da prática docente como momentos com peculiaridades e especificidades que provocam contínua mudança nos professores e em sua prática. (PLACCO; ALMEIDA, 2003, p. 57-58)

Quando foi questionada, se algo lhe causou emoção, em sua carreira, a sua resposta foi sim, sempre respeitou e sempre gostou de ser respeitada, sempre entendeu o outro; relatou que passou por uma situação, onde uma aluna da sala, que mora com um casal homoafetivo que possui duas mães e quando a sua mãe que é vista como um pai, que faz o papel de pai, veio à Escola, para resolver um problema.

A Educadora ficou triste porque disse que na nossa cabeça, em relação há alguns temas, ela ainda é muito pequena, ela está voltada para preconceitos, então, a resposta que a criança ouviu, é que aquela mãe que se sentia como pai, não poderia resolver o problema, que o pai havia sido convidado para resolver, porque já tinha acontecido uma conversa com a mãe.

A observação da Educadora referente a esse fato foi que, em relação ao novo contexto de família, que hoje nós temos um novo contexto de família, esse direito da formação da família, ele foi negado, não foi respeitado, então, foi uma situação delicada. A Professora ainda relata que o seu pai, visto por ela, como pai, porque ele se reconhece como um pai, mesmo sendo uma Sra., mas se reconhece como pai, então, ela o vai respeitar como pai. Ele foi convidado a se retirar e aí, a Escola tomou outras atitudes, relatou que a criança não encontra-se mais na Escola; trabalhos para amadurecer esta ideia, não especificamente a ideia em si, mas, trabalhos que venham amadurecer esse tipo de situação, que é cada vez mais, comum já está sendo trabalhado.

A discriminação, infelizmente, ainda faz parte do cotidiano das famílias homoparentais. Mesmo estando cientes da homossexualidade dos pais, os profissionais da educação tendem a fingir que não sabem sobre a homossexualidade de pais e mães e nem a homoparentalidade nem o combate à homofobia são discutidos em sala de aula. As escolas organizam-se de acordo com o modelo heteronormativo, ignorando as demais configurações familiares, especialmente as homoafetivas... é fundamental preparar os professores e a equipe escolar para atender esse novo panorama familiar. É imperativo o investimento na formação continuada dos profissionais da educação, capacitando-os para a discussão sobre as questões de gênero e sexualidade. Só assim a construção de um ambiente escolar igualitário será possível. (CRUZ, 2014, p. 9)

Em relação à desistência de profissão, a Professora afirma que nunca pensou em desistir, gosta do que faz, desde os seus 6 (seis) anos de idade e hoje tem 40 (quarenta) anos. “Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam” (GADOTTI, 2003, p. 50).

Este não é o caso da Educadora pesquisada. Ela demonstrou muito interesse e gosto pelo que faz, atenção, carinho e muito respeito pelos seus alunos, o que se espera de uma mestra, como ela, que interage, dialoga e trabalha de modo dinâmico com seus alunos. Ela esteve disposta a atender nossa solicitação, respondendo aos questionamentos de modo espontâneo.

De acordo com as características apresentadas no decorrer deste trabalho que são consideradas essenciais para a prática docente, observamos que a Educadora possui responsabilidade, pois a mesma demonstrava um imenso cuidado em transmitir com responsabilidade os conhecimentos aos seus alunos, os apresentando um leque de novidades, dessa forma mantendo-os mais interessados nas novidades implantadas por ela. O seu compromisso para com a Educação era nítido, pois a mesma demonstra muito amor e dedicação pelo que faz.

Referente à autoavaliação mostra-se bastante preocupada, em sempre avaliar a sua prática docente, refletindo em cima dos seus erros em como pode melhorar para contribuir de forma significativa na aprendizagem dos seus alunos. Sobre dominar o conteúdo, percebemos que a Educadora domina muito este aspecto, observamos que ela sempre chegava com as suas aulas bem planejadas e organizadas, deste modo quando ia transmitir os conhecimentos adquiridos pelos seus alunos, era sempre com muita convicção, segurança, ela sabia realmente o que estava fazendo.

Outra característica que a mesma apresentava era a assiduidade, essa qualidade mostrava o quanto a Educadora se importava com os seus alunos, até porque a assiduidade é uma característica primordial que faz com que o aluno sinta-se privilegiado, a mesma mostrava-se sempre assídua diante dos seus compromissos.

Pensando em como nos tornamos professores, verificamos o quanto é importante estarmos voltados aos nossos sonhos, como docentes e aos sonhos que podemos despertar nos alunos. Portanto, vimos que: “o processo ensino/aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande mal-estar de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no ‘viver sem sentido’ do que estão fazendo (GADOTTI, 2003, p. 53). Por fim, concluímos esta etapa da pesquisa com uma interessante percepção de educação que acontece nesta escola campo de pesquisa. A próxima etapa do trabalho traz as nossas considerações finais sobre todo o estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de Identificar pontos importantes sobre como se constitui um bom professor. Sabemos que atualmente existem, de fato, muitos profissionais desmotivados, profissionais que não levam a sério a sua carreira docente, porque estão acomodados, ou por outras questões que não ficaram muito claras para nós, enquanto pesquisadores.

Nesse sentido, aproveitamos como sugestão para próximas pesquisas: 1. Quais são os principais fatores responsáveis pelo desestímulo de um professor desencantado pela educação?; 2. Quando perguntamos em uma sala de aula, com 30 alunos, para sabermos, quem gostaria de ser professor, 1 aluno, no máximo, assume querer, então, a curiosidade é saber qual a percepção que a maioria do alunado de uma turma do Ensino Fundamental – I, tem em relação à profissão docente?

É óbvio que existem várias causas que contribuem para o desestímulo, nessa profissão, como sabemos, existe a falta de reconhecimento, questão de remuneração, cobrança com atividades que às vezes nem são nossas, excesso de trabalho, que é levado também para casa, entre outros fatores.

Mas, porque diante de tantos pontos negativos na carreira docente existem aqueles que dão a vida por sua profissão, que abraçam com amor essa carreira, e transbordam de tanta felicidade ao transferir o seu saber ao próximo, que sorriem quando os alunos chegam à sala de aula, se sentem importante de uma maneira indescritível, quando o aluno aprende algo lhe dando o retorno.

Existem aqueles que brilham, verificamos também isto com a pesquisa. São os que fazem o diferencial, em nossa sociedade. É verdade que, quando amamos aquilo que nós fazemos é como um jardim, que pode florescer em qualquer lugar, independente dos pontos negativos que possam existir.

Um dos exemplos é a Educadora pesquisada. Ela gosta do que faz. A sua prática é baseada na pedagogia de projetos, a cada duas semanas, ela escolhe um gênero textual e em cima do tema do texto elabora o projeto, com o passo a passo das atividades. A forma como ela lida com cada um dos seus alunos, de maneira especial, mostra que compreende a dificuldade de cada aluno, sabendo que por trás de cada dificuldade, em sua maioria, há um histórico de vida fragilizado.

A sua postura sempre com muita ética, quando um aluno seu comete um erro, a Educadora vai diretamente e individualmente à carteira do aluno e lhe mostra a maneira correta. Muito paciente, rigorosa, mas ao mesmo tempo amável, dedicada e determinada a contribuir da melhor forma com a aprendizagem dos seus alunos. Ela disse que é considerada e se destaca por ser uma boa professora, na Escola porque tem o domínio da turma. Relatou ainda que não admite nenhum aluno tirar o direito do outro de aprender e quando é para ser rígida, é.

Quem foi que disse que a carreira docente não possui muitos pontos positivos? Se olharmos com sensibilidade, veremos que esses pontos positivos são tantos. Acreditamos que um excelente profissional, seja aquele que vá além das paredes de uma sala de aula, e não resuma a sua metodologia apenas, nos livros didáticos, mas, tenha a ousadia de apresentar o novo, aos seus alunos, um professor que esteja literalmente atualizado, nos acontecimentos ao seu redor.

E é imprescindível que o docente possa ir além, nos seus estudos, na pesquisa, para dessa maneira, contribuir de forma significativa na vida dos educandos. Sabemos que poderíamos ter os melhores livros, computadores do ano, recursos didáticos, escolas com uma estrutura impecável, mas, se não tivermos o amor e o desejo de seguir com essa profissão, de nada adiantará, não alcançaremos um ensino de qualidade.

Quando demos início a este trabalho, tínhamos convicção de que alcançaríamos bons resultados, porque desde a primeira visita à Escola, a Diretora já nos passou segurança, nos indicando uma professora, a qual se destacava para observarmos e quando tivemos a oportunidade de conhecer a mesma, não tivemos dúvida alguma, as coisas eram como se imaginava.

Os resultados durante e após a pesquisa foram melhores do que imaginávamos, tivemos a oportunidade de conhecer uma Educadora apaixonada pela Educação, que está sempre apresentando o novo para os seus alunos e que se esforça para nenhum aluno tirar o direito de aprender do outro, sua sala é organizada em vários sentidos.

Portanto, concluímos acreditando que ainda há muito para se conquistar na Educação, mas, se olharmos para trás muito já foi conquistado. Se houver uma conscientização conjunta, focada nos pontos cruciais, que travam o desenvolvimento pedagógico, no sentido de darmos as mãos, visando o melhor desempenho, o resultado será ainda mais satisfatório.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. **Educação, projetos, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2002.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas - SP: Papirus, 2000.

ARAÚJO, Ismael Xavier de; SILVA, Severino Bezerra da. **Educação do campo e a formação sociopolítica do educador**. João Pessoa: Editora Universitário da UFPB, 2011.

ARROYO, Miguel G. **Políticas de formação de educadores (as) do campo**. Caderno Cedes. Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cedes/v27n72/a04v2772.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier (Org.). **Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisa e práticas educativas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB 36/2001 - Homologado Despacho do Ministro em 12/3/2002, publicado no Diário Oficial da União de 13/3/2002, Seção 1, p. 11. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb36_01.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.

_____. **XX Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do Campo/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf%3E>>. Acesso em: 10set. 2014.

_____. **Constituição de 1988**. Constituição. República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referência para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios**. Coord.: Marise N. R.; Telma Maria M.; Clarice Aparecida dos S. 2. ed. Brasília. MEC, SECAD, 2005.

CAMPOS, Magaly Robalino. **Autor ou protagonista?** Dilemas e responsabilidades sociais da profissão docente. Revista PRELAC. Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe. No 1/Junho, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001446/144666por.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

CARVALHO, Ademar de L. **Os caminhos perversos da educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula**. Cuiabá: Edufmt, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A Solução está no Afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CRUZ, Priscila Oliveira da. **Escola e homoparentalidade, a relação entre a escola e a família homoafetiva com filhos**. Pedagogia. Centro Universitário FIEO. Instituição. 2014. Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000016550.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CURY, Augusto Jorge. **O futuro da humanidade** – A saga de um pensador. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

FERNANDES, Cynthia; ALMEIDA, Francisca S.; RODRIGUES, Vanessa M. **O papel do educador na formação da identidade do aluno**. UNIVAP / FEA. São José dos Campos – SP, 2009. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC2009/anais/arquivos/1241_1359_01.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FIORENTINI, Dario; ROCHA, Luciana Parente. **O Desafio de ser e constituir-se professor de Matemática durante os primeiros anos de docência**. São Paulo: UNICAMPI, 2003. Disponível em: <http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_28/desafio.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

_____. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GENTILI, Pablo. O discurso da qualidade como nova retórica conservadora no campo educacional. IN: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIBANELO, José Carlos. **A arte de formar-se**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referência para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Coord.: Marise N. R.; Telma Maria M.; Clarice Aparecida dos S. 2. ed. Brasília. MEC, SECAD, 2005.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza M. **Por que planejar? Como planejar?** 10. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

NICOLAU JUNIOR, M.; NICOLAU, C. C. M. B. **Responsabilidade civil dos estabelecimentos de ensino:** a eticidade constitucional. In: SLAIBI FILHO, N.; COUTO, S. (Coord.). Responsabilidade civil: estudos e depoimentos no centenário do nascimento de José de Aguiar Dias (1906-2006). Rio de Janeiro: Forense, 2006.

SANTOS, Wildson L.; CARNEIRO, Maria H. da S. **Livro didático de ciências:** fonte de informação ou apostila de exercícios. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

ZURRO, A. M.; FERREROX, P.; BAS, C. S. **A equipe de cuidados de saúde primários:** manual de cuidados primários, Lisboa, Farmapress Edições, 1991.

APÊNDICE I

Roteiro de Entrevista

- 1) O que a motivou a escolher essa profissão?
- 2) Qual a sua formação acadêmica? E quanto tempo atua?
- 3) Quanto tempo ensina na E. M. E. F Antônio Santos Coelho Neto?
- 4) Como um professor pode destacar o seu diferencial?
- 5) Descreva de maneira resumida como é a Escola na qual você leciona.
- 6) Encontrou alguma dificuldade na sala de aula no início da profissão? Elas ainda existem?
- 7) Como a Sra. vê a sua turma hoje?
- 8) Com relação aos conteúdos didáticos disciplinares, como a Sra. vê a sua turma com relação as disciplinas?
- 9) Quais são as principais dificuldades encontradas em sua experiência profissional?
- 10) Como a Sra. vê a relação professor/aluno na sala de aula? (Liberdade X Autoridade)
- 11) Como professor, quais são as condutas relevantes, em sua opinião, para manter o aluno motivado à aprendizagem?
- 12) Sob o seu ponto de vista, qual seria o perfil de um aluno talentoso para a Matemática?
- 13) Quais as principais metodologias de ensino adotadas por você em sua prática?
- 14) Que principais recursos pedagógicos são utilizados em sua prática docente?
- 15) Como a Sra. se sente perante a direção?
- 16) A Sra. acha que deveria ter mais formação continuada?
- 17) Teve algum episódio em sua carreira que causou-lhe emoção? Por quê?
- 18) Em algum momento pensou em desistir?
- 19) O que é ser um bom professor?

ENTREVISTA – RESPOSTAS

- 1) O que a motivou a escolher essa profissão?
R- Com seis anos de idade eu tinha na alfabetização uma professora muito especial, então eu decidi ali, que eu ia ser professora, então desde os seis anos de idade, que eu brinco, que eu já brincava com bonecas, eu montava salas na minha casa, salinhas de aula, e já cresci determinada, vou estudar pra ser professora, porque a forma como a minha professora Tia Elza que eu a conheço até hoje, a forma como ela ensinava, a forma como ela tratava os alunos, a sua maneira de alfabetizar foi primordial na minha decisão, eu queria ser Tia Elza, pronto.
- 2) Qual a sua formação acadêmica e quanto tempo atua?
R- Eu atuo há vinte e cinco anos tá, sou pedagoga, e sou psicopedagoga.
- 3) Quanto tempo ensina na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto?
R- Há dois anos.
- 4) Como o professor pode destacar o seu diferencial?
R- Eu na minha prática, eu sempre optei pelo trabalho que quebrasse uma rotina, eu não gosto de fazer as mesmas coisas todos os dias, eu gosto que o aluno participe, eu

dou esse espaço para que o aluno converse na sala, para que ele dê sua opinião, eu sempre trabalhei numa prática, numa prática mais de construção, eu sempre busquei fazer com que o aluno vivenciasse a Escola do novo tempo, a escola de hoje.

- 5) Descreva de maneira resumida como é a Escola que você atua?

R- Ah, uma Escola tranquila, uma Escola onde a direção, a equipe de especialistas, eles trabalham em parceria com os professores, eles estão o tempo todo no apoio, eles estão, tanto a, não só a direção, especialistas, como todo corpo docente da Escola, funcionários, o pessoal de apoio, então é gratificante trabalhar aqui porque você não trabalha só, existe uma coisa, eu já observei que existe aqui uma rede, e essa rede ela é composta por todos que formam a Escola, sempre em prol de um bem maior, de um bem comum que é o alunato.

- 6) Encontrou alguma dificuldade na sala de aula no início da profissão? Essas dificuldades ainda existem?

R- Sim, sim existem, e a cada ano eu sempre falo para as minhas colegas, a cada ano, sempre que você inicia com uma nova turma você antes tem que quebrar alguns tabus, antes você tem que quebrar alguns vícios, certo, esse ano, por exemplo, as minhas crianças no início, elas não se tratavam por seus nomes próprios, elas se conheciam por apelidos, então isso foi uma prática deles no ano anterior né, conhecer o outro por apelido, e eu fui trabalhando isso, fui trabalhando, é tanto que eles passaram seis meses utilizando um crachá preso à blusa que era pra ler o nome do colega, do amigo ou da amiga e chamar pelo nome próprio, não mais por apelidos e cada ano sempre tem uma novidade, sempre tem uma coisa diferente, tem sempre um desafio né, mas aí a gente vai contornando e depois retoma.

- 7) Como a Sr^a. vê a sua turma?

R- Hoje bem avançada, hoje eu se fosse pra terminar o ano agora e avaliar, fazer uma avaliação final em relação a avaliação diagnóstica, todos os meus alunos estariam promovidos, promovidos porque eles tiveram avanços, desenvolveram muitas atividades, adquiriram competências e eu tô muito feliz por isso.

- 8) Com relação aos conteúdos didáticos disciplinares como a Sr^a. vê a sua turma em relação as disciplinas?

R- É, o meu trabalho é sempre em cima de uma sequência didática, é, eu planejo, e esse planejamento, eu não planejo só, é óbvio, eu já falei que a Escola participa do nosso planejamento e esse trabalho, essa sequência, ela é feita de forma interdisciplinar, então, é, a minha turma, ela consegue identificar conteúdos de cada disciplina, mas, porque aprenderam a identificar, mas, eles sabem que cada disciplina está sempre casada com outra, um conteúdo está sempre fazendo referência a outro, né, e para esse ano eles dominaram isso direitinho.

- 9) Quais são as principais dificuldades encontradas em sua experiência profissional?

R- A maior que é a real que eu não sou hipócrita, é a dificuldade financeira, né, ontem eu tava conversando com um professor da UFCG que é um amigo e eu tava falando pra ele, eu fiz uma reflexão, o médico ele não leva o paciente pra casa pra terminar serviço, nós professores, nós trabalhamos as nossas vinte horas semanais, nós participamos de 5 horas de formação e levamos sim muito trabalho pra casa nos finais de semana, então a única dificuldade que eu vejo é a falta de reconhecimento, nós ganhamos muito pouco pelo que fazemos, e eu já fiz essa conta, eu já dividi as minhas

horas aulas, eu já aumentei as aulas extras, as tarefas que levo pra casa e cheguei a conclusão de que nós hoje, nós trabalhamos, nós pagamos para trabalhar, então essa é única dificuldade que eu vejo, é a falta de reconhecimento, é o financeiro, eu acho que as coisas poderiam mudar.

- 10) Como a Sr^a. vê a relação professor – aluno na sala de aula? (Liberdade x Autoridade).

R- Eu nem gosto tanto dessa nomenclatura autoridade, tá, é... Eu gosto, sou apaixonada pela liberdade, eu acho que a criança dentro de sala ela tem que te respeitar, pelo teu, tua forma de ser, pelo teu convencimento do que venha a ser respeito, né, quando você consegue ter um diálogo com essa criança, mostrar pra ela que aquela é uma atitude errônea, que ela pode melhorar, que você a respeita, ela deve te respeitar e assim respeitar o próximo, aí todos vão trabalhando numa mão dupla, sempre numa mão dupla, não precisa de tanta, não se precisa usar de autoridade mesmo você sendo o adulto da história, mas dá pra fazer isso fazendo um trabalho de início né, e mostrando a criança dentro dos limites o que é que a gente, como é que a gente pode viver.

- 11) Como professor(a) quais são as condutas relevantes em sua opinião para manter o aluno motivado à aprendizagem?

R- Fugir da rotina. Quebrar a rotina, fazer com que o aluno em casa ele diga assim: “Poxa, hoje eu não vou faltar aula, porque a minha professora vai fazer uma coisa diferente, porque ela vai fazer uma coisa diferente, porque ela faz uma coisa diferente todos os dias, a aula de hoje não vai ser a mesma de ontem, ela vai levar alguma coisa, vai fazer uma brincadeira, uma dinâmica, ela vai mostrar um filme, ela vai tirar a gente da sala de aula, tá, ela vai deixar que alguém dê aula, um aluno dê aula no lugar dela”. Então, acho que esse coringa a surpresa, o fazer da Escola um lar ou um lugar aconchegante, né, um lugar que desperte curiosidade, motiva e muito a criança.

- 12) Sob o seu ponto de vista qual seria o perfil de um aluno talentoso para a Matemática?

R- Para a matemática, é, eu já venho observando, quando eu percebo que a criança ela tem o raciocínio lógico, bem, é, ativado que ela consegue te dar as respostas sem precisar fazer cálculos, ela te dá respostas mentalmente, ou então dentro da própria linguagem ela faz uma ponte com a matemática, ah, essa criança ela tá, ela torna-se competente, ela tem a sua competência já adquirida.

- 13) Quais as principais metodologias de ensino adotadas por você em sua prática?

R- Eu gosto, eu trabalho com a pedagogia de projetos, né, éh, eu acredito na ligação como já falei antes, eu acredito na ligação das disciplinas, então se você determina para aquele mesmo projeto que consegue abranger as cinco disciplinas obrigatórias, e consegue trabalhar com a grade curricular dentro desse projeto, seja pra uma semana, seja pra um mês, seja pra um bimestre, você consegue êxito.

- 14) Que principais recursos pedagógicos são utilizados em sua prática docente?

R- Recursos pedagógicos, é eu trabalho, meu apoio é em cima do livro didático, da criança, a escolha pro livro didático esse ano foi muito interessante, né, foi assertiva, certo, e além do livro didático nós temos na sala trinta livros literários, é, nós, trabalhamos, quando eu digo nós, é porque eu estou falando da Escola em si, aqui o professor não é individual em momento algum, certo, então nós trabalhamos com,

temos todos os recursos né, nós trabalhamos com vídeos, nós trabalhamos com aula de campo e por aí vai.

15) A Sra. acha que deveria ter mais formação continuada?

A questão não é ter mais formação continuada, a questão é ter formação de qualidade, uma formação continuada de qualidade, eu acho que é o que tá faltando, quando eu digo faltando é porque nós estamos sendo o tempo todo convidados a participar, convidados e convidadas a participar de formações, onde depois de oito horas de trabalho tu chega pra mais quatro horas de formação, e o que você vê lá na sala, no ambiente, seja virtual, ou não, você vê que você trabalha, que os textos que te são apresentados, os teóricos que você vai estudar em muitas das situações, eles não fazem um, não tem como, é, não tem uma ligação com a tua prática, sabe, eu acho que a busca agora é pela qualidade, mas, a gente vai chegar lá.

16) Teve algum episódio em sua carreira que causou-lhe emoção? Porque?

R- Sim, teve sim, é, eu sempre, eu sempre respeitei, sempre gostei de ser respeitada, eu sempre entendi o outro né, e eu passei por uma situação onde uma aluna da sala, isso foi ano passado, é, ela, sua mãe, ela hoje ela mora com um casal homoafetivo, então ela tem duas mães, né, e quando a sua mãe que é vista como um pai, que faz o papel de pai, veio a Escola para resolver um problema, né, eu fiquei triste, porque na nossa cabeça em relação há alguns temas ela ainda é muito pequena, ela tá voltada pra preconceitos, então a resposta que a criança ouviu, é que aquela mãe que se sentiria como pai, a resposta que ela ouviu é que ela não poderia resolver o problema, que o pai tinha sido convidado pra resolver, porque já tinha acontecido uma conversa com a mãe, a mãe biológica, né, e eu vi que aí em relação ao novo contexto de família, que hoje nós temos um novo contexto de família, esse direito da formação da família, ele foi negado, né, ele não foi respeitado, então foi uma situação delicada, né, muito delicada, o seu pai que eu o vejo como pai, né, porque ele se reconhece como um pai, mesmo sendo uma Sra. mas ele se reconhece como pai então eu vou respeitar como pai, ele foi convidado a se retirar e aí a Escola tomou outras atitudes, a criança não tá mais conosco, essa família não tá mais conosco, mas, assim, trabalhos para amadurecer esta ideia, trabalhos pra amadurecer essa situação que é cada vez mais comum, já tá sendo trabalhado.

17) Em algum momento já pensou em desistir?

R- Nunca, e eu vou fazer o que?! Não, não, não, não penso em desistir, eu gosto do que faço e eu gosto desde os meus seis anos de idade e hoje eu tenho quarenta.

ANEXOS

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
INFANTIL E FUNDAMENTAL ANTÔNIO
SANTOS COELHO NETO**
Praça Oswaldo Pessoa, s/r
Praia da Penha - João Pessoa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
CURSO DE PEDAGOGIA - EDUCAÇÃO DO CAMPO



SOLICITAÇÃO DE PESQUISA

Da: Coordenação do Curso de Pedagogia – Educação do Campo
Para: Direção da Escola Municipal Antônio Santos Coelho Neto
Assunto: Solicitação de Pesquisa
 Prezada Diretora

Vimos por meio deste, solicitar autorização de Vossa Senhoria para que a estudante ANNE KAROLLINE DE SOUZA BEZERRA, matrícula nº. 11026889, matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, do Curso de Pedagogia, Licenciatura com área de aprofundamento em Educação do Campo, venha realizar as atividades de observação e pesquisa nesta instituição de ensino.

Para isso, o estudante deverá acompanhar as atividades escolares, observar e participar de todos os eventos inerentes ao estudo de campo, sendo acompanhado por um professor designado por esta instituição de ensino. As atividades deverão ser desenvolvidas em uma turma da Educação Infantil ou do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º anos), durante o período de 01/10/2014 a 13/12/2014, perfazendo uma carga-horária mínima de 20 horas/aula no total.

Outrossim, informamos que todas as atividades acima descritas serão desenvolvidas pelo estudante, sob orientação da professora responsável pela disciplina, Prof.ª Severina Andréa Dantas de Farias, matrícula SIAPE nº. 2587291, docente da Universidade Federal da Paraíba.

Contando com a colaboração de Vossa Senhoria, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

*Recbi
em 26.09.2011
Rosilene Bom-Porto-Ferreira
Diretora Geral
Mat. 7462-4*

Luciéllo Marinho da Costa
Curso de Pedagogia Educação do Campo
Coordenador SIAPE 1652811

[Assinatura]
Coordenação do Curso de Pedagogia – Educação do Campo

[Assinatura]

João Pessoa, 25 de Setembro de 2014.